

O Bebê de Tarlatana Rosa — João do Rio

— Olá! uma história de máscara! quem não a tem na sua vida? O Carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisível... Francamente. Toda a gente tem a sua história de Carnaval, deliciosa ou macabra, apida ou cheia de luxuras atraentes. Um Carnaval sem aventura não é Carnaval. Eu mesmo este ano tive uma aventura...

P. Heitor de Alencar esticava-se, preguiçosamente no divã, grunhindo a sua curiosidade.

Havia no gabinete o "Jornal Bohart", Aventuras de Azambuja de que as mulheres riam tanto, indicavam. Maria de Flor, a extravagante boêmia, e todos ariscavam por saber a aventura de Heitor.

O silêncio tomou expectativa

— Heitor, fumando um gicanha, acendeu, parecia absorto.

— E sua aventura alegre? indagou Maria.

— Conforme as temperaturas.

— Sua?

— Favorosa ao menos.

— De dia?

— Não. Pela madrugada.

Mas, homem de Deus, conta!

— suplicava Anatólio. Olha que está adoecendo a Maria.

Heitor puxou um largo traço a cigarreta.

— Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos francos-gatos de carne e os dentes extravagâncias. O desejo, quase docente é como incômodo infiltrado pelo ambiente. Tudo respira hu-

xária, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paroxícos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

— Nem com um, atalhou Anatólio.

— Os sorrisos são ofertas, os olhos suplicam, as gargalhadas passam como arrepios de irrixa pelo ar. É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu sinto tudo isso. E saindo, à noite, para a pernença da folia, saio como na Festa da Rainha os navegadores para a procissão da Primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodita.

— Muito bonito! cíciou Maria de Flor.

— Esta claro que este ano

organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagalhão de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas.

No primeiro dia, no sábado, andamos de automóvel a percorrer os bailes. Fomos indistintamente beber "champagne" nos "clubs" de jogo que anunciam baias e as maiores matinées ordinárias. Era divertidíssimo e ao quanto "club" estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile público do Recreio. — Nossa Senhora! disse a prima estréla de revistas, que ia conosco. Mas é horrível! Gente ordinária, marinheiros à paisana, tíbias dos pedaços mais escuros

da rua de São Jorge, um cheiro arozo, rolos constantes...

— Que tem isso? Não vamos juntos?

Com efeito, fomos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejoso: acanhá-la-se, enlameá-la-se bem. Naturalmente fomos e era uma desolação com pratas beijadas e desdentadas espirrando bellatinas fedorentas pelo estrado da banda militar, todo o pessoal de aceitores e coreutas lôrregas e essas estranhas figura de larvas diabólicas, de incubos em frascos de álcool, que tem as pernas de certas ruas, moças, mas com os traços como amassados e tons pálidos, páidas feitas de pasta de manta-lorrra e de papel de arroz. Não havia nada de novo. Apenas, como o grupo paraia diante dos dançarinos, senti que se roçava em mim, gordinho e apetecível, um beijo de tarlatana rosa. Olhei-lhe as pernas de moças entranhadas. Vermelhas os braços, a cada das espinhas, à curva do sono. Bem agradável. Quanto ao resto era um rostinho arriscado, com dois olhos perversos e uma boca polpuda como se estivesse vivo. Só posso trazê o nariz, um nariz tão bem feito, sei acertado, que foi preciso observá-lo para verificá-lo falso. — Fui direta. Passei a mão e preguei-lhe um beijo. Ele só caiu mais e disse num suspiro: — ai que do! E-tau voce a ver que eu fiquei imediatamente disposto a fugir do seu topo. Mas corrigo iam casar a seis damas elegantes capazes de se debocar mais de nove, e ditar os excessos alienos, e aí a sem lhes correr assim, abandonando-as, atras de suas aguentadoras dos bailes do Recreio. Voltamos para os apartamentos e fomos ceiar no "club" mais "chic" e mais seguro da cidade.

— E o bebê?

— O bebê ficou. Mas no domingo, em plena Avenida, indo eu ao lado do "chaufeur", no borbotim colosal, senti um beijo na perna e uma vozinha roçosa dizer: "para pagar o que ontem". Olhei. Era o bebê, aí sentado, com o nariz podre, aquele nariz tão perdoável. Ainda tive tempo de indagar onde viajou hoje?

— A toda parte! respondeu perdendo-se num grupo tumultuoso.

— Estava perseguindo a comotion Maria de Flor.

— Talvez fosse um bicho, — sussurrou desconfiada o bebê a Anatólio.

— Não interrompam os bairros! fez o bárão, estendendo a mão.

Heitor acenou outro cigarro, pônta de ouro, sorrindo, resmungando:

— Não o vi mais nessa noite, e segunda-feira não o vi também. Na terça desligaram o grupo e ele no mar aberto da depravação, só, com uma moça já leve por causa da peste, e dos os mais instintos instintos. De resto a cidade inteira estava assim. E o momento



"... e de chofre agarrei o pupilo, arrasquei..." (Ilustração de Oswald Goeldi)



Uma gravura de Debret — "O entrado" (1812-1814)

em que por trás das máscaras mesmas confessam paixões aos rapazes, é o instante em que as ligações mais secretas desaparecem, em que a virgindade é diária e todos nós a achamos inútil, a hora uma cacetada, o bôa senso uma tolga. Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos e o beijo se desata naturalmente.

Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanhar-me, quase mórbita. Nada de roupas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contacto familiar, mas o deboche anônimo, o deloshce ritual de chegar, pegar, acarhar, continuar. Era ignobil. Felizmente a muita gente sofre do mesmo mal do Carnaval.

— A quem u dizes!... suspirou Maria de Flor.

— Mas eu estava semi sorte, com a "guigue", com o "capiroto" dos defuntos índios. Era aproximar-me, era ver fugir a presa projetada. Depois de uma dessas caçadas pelas avenidas e pelas praças, embaixiste pelo São Pedro, meteste nas danças, rociaste aquela gente em geral pouco limpa, mististi aqui, ali. Nada!

— E' quando se fica mais nervoso!

— Exatamente. Fiquei nervoso até o fim do baile, vi sair toda a gente, e sai mais desesperado. Eram três horas da manhã.

O movimento das ruas abrandava. Os outros bailes já tinham acabado. As praças, horas antes incendiadas pelos projetores elétricos e as cambiantes iluminadas dos fogos de bengalas

caiam em sombras — sombras cumplices da madrugada urbana. E só, indicando a folia, a excitação da cidade, um ou outro carro arrido levando máscaras aos beijos ou alguma fantasia tilintando guizos pelas esgalhas folhas de "confete". Oh! a impressão enervante dessas figuras irreais na semi-sombra das horas mortas, roçando as calçadas, tilintando aqui, ali um som perdido de guizo! Parece qualquer coisa de impalpável, de vago, de enorme, emergindo da treva aos pedaços... E os domínios embuhados, as dansinhas anarfiadas, a coleção indecisa das máscaras de ultimo instante arrastando-se extenuadas! Dei para andar pelo largo do Rio e ia caminhando para os jardins da Secretaria do Interior, quando vi, parado, o beijo de tarlatana rosa.

Era ele! Sentí palpitar-me o coração. Parei. — "Os bons amigos sempre se encontram" disse. O beijo sorriu sem dizer palavra. Estás esperando alguém? Fez um gesto com a cabeça que não. Enfiei-o — Vens conigo? — Onde? indaguei. — Entrar, sair, dizer-lhe um beijo. Ela recuou. Os meus lábios tocaram apenas a ponta fria do seu nariz. Fiquei louco.

— Por pouco...

— Não era preciso mais no Carnaval, tanto mais quanto ela dizia com a sua voz ariante e lúbrica: — "Aqui não!" Passei-lhe o braço pela cintura e fomos andando sem dar palavra. Ela apoia-se em mim, mas era quem dirigia o passeio e os

seus olhos molhados pareciam sa de opaco e de indeciso. Sorriu todo o bestial desejo que viu-lhe o lábio.

Mas o meu nariz sentiu o do amor não se conversa. Não contacto do nariz posico dela, tocamos uma frase. Eu senti um nariz com cheiro a resina, a ritmica desordenada do meu um nariz que fazia mal. — Ti-coração e o sangue em desse-
pero. Que mulher! Que vibração! Tinhamos voltado o jar-dim. Diante da entrada que ia à rua Leopoldina, ela parou, hesitou. Depois arrastou-me, atravessou a praça metendo-nos pela rua, escuta e sem luz. Ao fundo, o edifício das Belas Artes era desolador e lugubre. Apertei-a mais.

Ela aconchegou-se mais. Como os seus olhos brilhavam! Atra-

vessemos a rua Luiz de Camões, ficamos bem em baixo das sonoras espessas do Conservatório de Música. Era

enorme o silêncio e o ambiente

tinha uma cor vagamente rosada com a treva espanhola, um

pouco pela luz dos combustíveis distantes. O meu belo gor-

dinho e rosa parecia um esque-

cimento do vicio naquele austereidade da noite. — Entao,

vamos? indaguei. — Para onde? — Para a tua casa. — Ali!

não, em casa não podes... —

Então por ai. — Entrar, sair, despir-me. Não sou disso! —

Que queres tu, lâbia? U' impossível ficar aqui na rua. Daqui

a minutos passa a guarda. —

Que tem? — Não é positivo,

que nos julguem aqui para bon

fim, na madrugada de cinzas.

Depois, às quatro tens que tirar a máscara. — Que máscara?

— O nariz. — Ah! sim!

E sem mais dizer puxou-me.

Abracei-a. Beijei-lhe os bra-

ços, beijei-lhe o colo, beijei-lhe

o pescoço. Gulosamente a sua

boca se oferecia. Em torno de abajo do buraco do nariz e os

nos o mundo era qualquer coi-

dentes alvos.

Perdoa! Perdoa! Não me batas. A culpa não é minha. Só no Carnaval é que eu posso gozar. Então, aproveito, ouvi-te? aproveita. Poste tu que quiserest...

Sacudi-a com fúria, pni-la de pé num safanão que a devia ter desarticulado. Uma vontade de cuspir, de lançar, apertava-me a glote, e vinha-me o impetuoso desejo de esmurrar aquele nariz. De querer quebrar aqueles dentes, de matar aquele airoso reverso da Luxúria... Mas um apito trilou. O guarda estava na esquina e olhava-nos, reparando naquela cena da semi-treva. Que fazer? Levar a caveira ao posto policial? Dizer a todo o mundo que a beijara? Não resisti. Afastei-me, apressei o passo e ao chegar ao largo inconscientemente dei-te a correr como um louco para a casa, os queixos batendo, ardendo em chama.

O pedaço de papelão, porém, avultava, parecia crescer, e eu sentia um mal estar curioso, um estado de indição esquisito. — Que diabo! Não vais agora para casa com isso! Depois não te disfarça nada. Disfarça sim! — Não! Procurei-lhe nos cabelos o cordão. Não tinha. Mas abraçando-me beijando-me, o bebé de tarlatana rosa parecia uma possessa tendo pressa. De novo os seus lábios aproximaram-se da minha boca. Entreguei-me. O nariz roçava o meu, o nariz que não era dela, o nariz de fantasia. Então, sem poder resistir, fui aproximando a mão, aproximando, enquanto com a esquerda a enluvava nua, e de chofre agarrei o papelão arranque-o. Press dos meus lábios, com dois olhos que a cólera e o pavor pareciam fundir, eu tinha uma cabeça estranha, uma cabeça seu nariz, com dois buracos sanguentos atulhados de algodão, uma cabeça que era alcincadamente — uma caveira com carne...

Despeguei-a, recuei num imenso vómito de mim mesmo. Todo en tremia de horror, de nojo. O belo de tarlatana rosa embrulhou no chão com a caveira voltada para mim, num choro que lhe arrengava o heiço-pescoço. Gulosamente a sua boca se oferecia. Em torno de abajo do buraco do nariz e os

nos o mundo era qualquer coi-dentes alvos.

E foi sentar-se ao piano.

CARNAVALESCOS - Olavo Bilac

São uma gente à parte, — quarta-feira de cinzas, o carnavalesco volta ao seu lar e ao seu negócio, morto, pisado, contundido, — e muitas vezes com a cara quebrada, — mas sem remorso, sem arrependimento, com o orgulho que dá a conciência da missão bem cumprida...

Evoco a recordação, neste momento, de alguns carnavalescos autênticos, que tenho conhecido — e deles, sobre todos, avultam na minha memória, claramente relembrados.

Um deles era um negociante rico, cuja opinião pesava na praça, cuja firma valia ouro nos bancos. Não tinha vícios: não fumava, não jogava, não bebia, não frequentava cantinas nem chafarizes suspeitos. Era carnavalesco...

Havia no teatro presidente de uma sociedade de carnavalescos, — e era ele quem pagava a baderne, quem sustentava a glória do pavilhão do clube. E somente duas vantagens e regalias exigia, em troca das muitas dúzias de contas de reis que lhe custava cada ano a sua paixão: a honra de carregar o estandarte social, e o privilégio de dar as "ídias" para os carros de crítica no grande prédio da terça-feira.

Quando o conheci, já ele tinha vinte anos de carnavalesco e de formador de "ídias". E, como eu o cumprimentasse pela fecundidade da sua imaginação, disse-me, apertando a cabeça entre as mãos: "Realmente, eu não sei como esta cabeça ainda pode ter idéias! É só supor que haja por ai muitos verdadeiros carnavalescos. Quase todos os livres do Carnaval folgam por acidente, ou por imitação, ou por desastre, ou por entusiasmo passageiro: folgam dois anos ou cinco anos, ou dez anos — e cansam, e recolhem-se à vida séria. Mas o carnavalesco legitimo não tem cansaço nem apontadoria; envelhece carnavalesco, e morre carnavalesco; morre no seu posto, extenuado pelo Carnaval, entusiasmado pelo Carnaval, devorado pelo Carnaval. O Carnaval é para ele no mesmo tempo uma paixão absorvente e arruinadora, um vício indonável, uma religião fanática. Para ele, o Carnaval é o único oasis fresco e perfumado, que se lhe antebra no adusto deserto da vida!"

Essa é o verdadeiro carnavalesco. Trabalha todo o ano, prima e sua dose meses a fio, privando-se de tudo, alimentando-se mal, vestindo-se mal, acumulando somaticamente, ansiosamente, alucinadamente, vintém a vintem, os contos de reis que há de gastar no Carnaval. São doze meses de sacrifício, de renúncia, de desprendimento: o carnavalesco pensa apenas no Carnaval. Não era maior do que a sua constância de Jacob, pastor apixonado, servindo o velho Labão, pai da formosa Raquel. O carnavalesco, para conquistar o Carnaval, pena toda a vida!

Dizendo: mais penara, se não para tão grande amor tão curta a vida..."

Acostume, às vezes, que o carnavalesco já não é um rapazola, sem família e sem deveres sociais: — é um homem maduro, negociante matriculado, tendo próprio casal e nele assistindo, tendo mulher e filhos, tendo apólices e comenda. Pouco importa! é um carnavalesco. Na vida desse homem, de vida regredida e equilibrada, o Carnaval é um bálsamo, é uma síncope, é a anulação completa da sua conciência de homem e de chefe de família, é a suspensão absoluta de toda a sua gravidade de negociante e de comendador.

A família conhece e perdoa a sua paixão: e, no sábado de Carnaval, el-o que se despede dos seis, e parte para o delírio, com os olhos acesos em febre, e o coração rufando um zé-peixe precipitado, — como os antigos paladinos da Cruz partiam para Jerusalém a defender o Santo Sepulcro, ou como os heróis da ciência partem para o polo a devassar o mistério das neves eternas. Parte, — e a família não vé durante os três dias fatais; e, na

Imagine o senhor: vinte Carnavalescos voltam ao seu lar e ao seu negócio, morto, pisado, contundido, — e muitas vezes com a cara quebrada, — mas sem remorso, sem arrependimento, com o orgulho que dá a conciência da missão bem cumprida...

O outro cuja figura tenho agora presente ao espírito, era um carnavalesco pobre, — dos que economizam o dinheirinho durante todo o ano para gasta-lo no Carnaval. Era um guardalivros. Não lhe escrevo o nome, — nem a alcunha, mas conhecia ainda o que o nome. Era famoso! Fantasiava-se e mascarava-se no sábado, e só tinha fantasia e a máscara na quarta-feira, para dar entrada num hospital da Ordem Terceira, onde se refazia durante um mês dos estragos dos quatro dias de loucura. Com a contínuaidade do exercício carnavalesco, já a sua face adquirira esgares grotescos de máscara, e a sua voz desceria a tons afundados de disfarce de demônio.

A tuberculose acabou por lhe tomar conta do corpo, depois de um dos seus desvalados Carnavalescos. Mas ainda o carnavalesco viveu dois ou três anos, precocemente pelos senadores, pelos litores e pelos bucineiros, entre os despojos da guerra e as riquezas do saque! Aquela noite só pagava ao carnavalesco todos os seus sacrifícios de dinheiro e todos os seus esbanjamentos de "ídias"... Hoje, esse carnavalesco é morto; morreu sempre rico, sempre respeitado, sempre honrado, — e sempre carnavalesco. Quando

ardiam com o brilho da febre hética, — e dizendo coisas engrajadas, entre doas necessidades de tosse convulsa. Era um bandido!

Alguém que o conheceu até a morte, contou-me que ela se deu, — ironia da sorte? — ou bondade do destino? — num domingo de Carnaval, a hora em que mais atrevida e barbara era pelas ruas a máscara carnavalesca...

Não creio que a morte lhe tenha aparecido com a sua tragicidade e terrível majestade final. Suponho que, no seu dia último, ela lhe apresentou como uma Morte de Carnaval, — dessas que encontramos por aí, entre os velhos de cabeça enorme e os diabinhos de cabeça vermelha, nos "cordões" que, inconscientemente, reproduzem as cerimônias cômicas e pavorosas da Idade Média.

Assim deve ela ter aparecido, a Morte, ao carnavalesco melancólico, — como uma velha amiga de folia e de pândega. E o carnavalesco arrojou-se no seu braços com alegria e foi valsando com ela, cabriolando com ela, cançaneando com ela, até com ela cair no grande abismo negro...

Coisas de carnavalescos! Nossos diaz em que os verdadeiros carnavalescos são uma raça à parte, uma gente que se não parece com as outras gentes, e que nasce carnavalesca para viver carnavalesca e morrer carnavalesca?

(1901).

FALSO PIERROT - Hermes Fontes

*Falso Pierrot! Avo esse rosto,
mesmo através de tuos tintos.
Ei rdo me ilides! no aco rosto
tens expressões das mais distintas
que em rosto humano se hajam postas.*

*Amei teus olhos nesse dia
e o teu olhar nem reparou!
Enquanto a meu fervia, ardia,
tu cabriolavas na juba,*

Falso Pierrot!

*Não mais voltei a vint' do espírito
de ter amado um rosto falso!
Mas porque o tinha amado tanto,
guardei-o, guardo-com encanta,
em soulo e verso, o lembro e exalte!*

*Depois... ouvi que o ten amante
riamente e mau te apanharam!*

*E eu... que te amei um só instante,
eu te amaria tão constante
Falso Pierrot!*

*Ontem, a festa, a orgia franca,
tens lábios úvidos de vinho:
Hoje ningnem o sonque estanca
que te amedeco a carne branca
do vos do teu Pierrot de armínho.*

*Sonhaste alguém másculo e forte...
Só en te auei, nenhum te amou!
Mas recolhesto outro courente...
O Amor é cumplice da Morte,
Pierrot, Pierrot!*

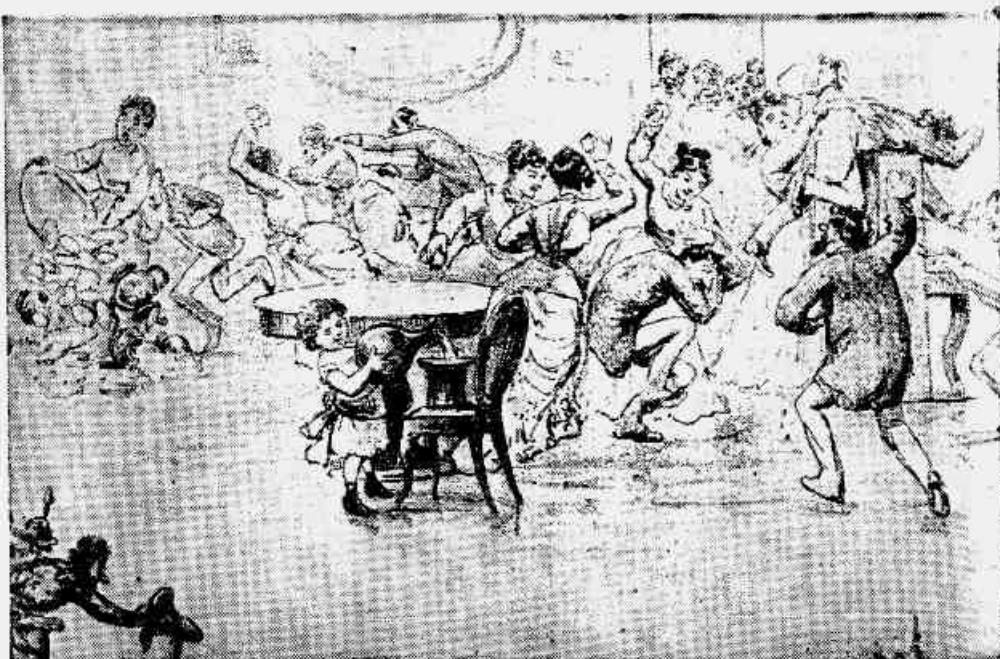
*Para a ti mesma te cuspianas,
O' Colubrima desótosa,
foste Pierrot; e em inicio aos pares,*

*dovas o colo a mil olhares,
desabrochando em dupla rosa...*

*E aquela flor de essências varias
tanis paixões descurvado,
que, diante dela, os teus conivas,
todos, te ergueram mãos lascivas,
todos, Pierrot!*

*Nas cinzas desta quarta-feira,
dormes. Nas cinzas portinholas,
teu corpo, em cinza quase, em fuma,
dáu mais cinza à quarta-feira
que com teu sangue malagruas...*

*Pois não quiseste um beijo forte?
O beijo vivo... e te esfolhou...
Tinha de ser assim... E a sorte...
O Amor é cumplice da Morte;
Morte, Pierrot!*



Cena de entrudo numa casa de famula, em 1880 (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada")

O CARNAVAL - Graça Aranha

Alguns dias depois explode em baixo o carnaval. Maravilha do mundo, encantamento do barulho. Zé pereira bumba, bumba. Futeiros auerimam, zumbetram. Vioia chora e espinhola. Melopéia negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento-flauta, violões, récos-reços, saxofones, pandeiros, latas, gaitas, e trombetas. Instrumentos sem nome, inventados subitamente no delírio da improvisação, do impulso musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro de ventos, valas, khanas e agos, estrepitosos. Dentro dos sons movem-se as cores, vivas, ardentes, pulando, dansando, desfilando sob o verde das árvores, em face do azul da baía, no mundo dourado. Dentro dos sons e das cores movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os mazelas, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros o movimento dos tatos violentos, brutais, suaves, libíricos, meigos, alucinantes. Tatos, sons, cores, cheiros, que se fundem em gestos de gengibre, de mendom, de castanhas, de bananas, de laranjas, de bocas e de mucosas. Libertação dos sentidos envolventes das massas frenéticas, que maxiam, gritam, tremoram, deslumbram, saboreiam, da Madureira à Clavea, na unidade do prazer desencadeado. Carnaval. Tudo elemínia-se. Glória de mulher. Ela, para ela e por ela. Inversão universal. Homens-fêmeas. Mulheres-machos. Retorno anacrônico ao culto lunar, ao mistério noturno. Desforra da fêmea. Ressurreição das bacantes, das bruxas, das diabas. Missa negra, tragédia negra, magia negra. Triunfa a negra, triunfa a mulata. Música, fanfarra, prêmio, maxixe, samba. No noturno da praça Onze, o negro e o castanho dominam os vermelhos das cores, de carnes, das máscaras e das vestimentas alacres, viventes. Automóveis e bondes fiscam, iluminam, enfeitam. Todos apetecem-se, roça-se freneticamente, gostosamente. Os ranchos cantores rompem a marcha colorida, esquentada. Os cheiros doidos alvorocam-se e embriagam. Para matar a sede os cantadores, dos berradores, os refrescos de coco, os gelados de limão e abacaxi. Para a fome os bolos de negramini, pé de moqueque, alcaçar taipoca, manauá, África, Baía, Brasil. Irupção de bengueiras, congos, earapinhias, belolas, ancas, peituras. Sobre os corpos pretos a iluminação do ouro, da prata, das contas e das roupas, de onde as cores saltam em delírio, amarelas, vermelhas, azuis, verdes. Música de coreto. Bateria. Cantoria infinita, confusa, das bocas pretas, abiamula. Melopéia plangente para palavras canhais. Fura a imobilidade ondulante um grupo de bananas, dansando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, farejadas, seguidas por gírias assanhados, de buchos compridos, tocando pandeiros, pulando, lascivos. As bananas cheiram a cravo, a baunilha e a fêmea. O mondrongho também fareja, aspira, entontece, empalidece, suspira, exclama:

— Se em Portugal houvesse bananas, eu não saia de lá.

As bananas suspendem as salas rodadas e dansam, nos requeiros das ancas, no arranco das umbigadas. A sensualidade é religiosa. O ritmo dos ranchos é sacerdotal. E o drama sacro grave e profundo. Na base da magia, o culto. O Carnaval espiritualiza-se. No seu imenso manancial recebe as correntes das crenças, dos cultos, que se transformam em festas. Também assim discursam os cantos e as melodias de todo o povo do Brasil.

Três crônicas sobre o Carnaval

(Continuação da pág. II) etiam dos lucros e mais se dividiam com a morte.

E já estar um pouco dentro da morte o não sentir o contágio da alegria alheia.

Como quer que seja, são três dias inutéis a descontar no calendário dos trabalhos.

Os navegadores do Oceano Pacífico, para conservar o calendário comum, descontam um dia a que chamam o "dies non".

E, na realidade, temos que descontar, não um, mas três dias, arrancados à tristeza e à melancolia do tempo.

(Imparcial, 7-2-93)

III DEPOIS DO CARNAVAL

Pensei escrever no dia das cinzas esse "memorial" do carnaval.

Triste como o arrependimento não me era possível, sendo dizer tolices já serôdias e fora de lugar e tempo.

Mas pensei também que estava impossibilitado de ver o carnaval, entretanto pude ovni-lo no rádio, nas canções que me entravam pelas janelas, no ritmo que enchia o ambiente.

Não vi, mas senti o carnaval. Falo pois de ouvida.

E é já um favor dos deuses ter alma para essa alegria esmorecida e longínqua.

Enfim, há recursos para um gramático sair de aperturas literárias.

O "carnaval", como as grandes festas, pode padecer-se de ter as suas origens na noite dos tempos.

As alegrias do homem das cavernas devia ter essa mesma desenvoltura e o mesmo desequilíbrio do sentimento. Em cunadas mais próximas e todavia bem antigas havia as bacanais e as saturnais com igual jeito.

A rigidez dos costumes católicos criou esse desabafo contra o jejum por uma antecipação do "boeuf gras". Não há mais carne "Carnaval", ademais cur-

nel e já na idade média a suspensão da carne dejinha-se pelas "carnesulhadas" do batizado, ou a "carnelvamen" que encerrava o mesmo conceito.

Na passar-se no regime sóbrio do peixe como no tempo do Senhor.

Era natural que o povo se entregasse ao delírio propiciatório da penitência.

O povo, porém, abusou muito. Nasceu a "festa dos loucos" que, com os seus tumultos, abalava a seriedade medieval.

Comecaava o carnaval na epifânia, isto é, no dia dos reis magos e ameaçava não acabar.

A igreja reprimiu quanto pôde de essa desordem e em Milão conseguiu Santo Ambrósio limitar a bacanal cridi nos três dias que precedem o dia de cinzas.

A restrição não diminuiu a violência, mas pôs um pouco de ordem na loucura tradicional.

Contudo o carnaval misturou-se a outras tradições, à festa dos loucos e ao simbólico "carro naval". E dizem os respeitáveis eruditos que se entregam a tais disquícios que do "carro naval", "carros navais" é que vem o "carnaval".

Vem a expressão apenas, só se vê.

O "carro naval" era o navio dos loucos, o "Narrenschiff" como se dizia em Colônia, um dos focos carnavalescos e tendia a simbolizar a navegação do Reino. O carro naval, que andava por terra, era bem um ritual de loucura.

Esse "carro" chegou até cá, saltando sobre o oceano, gráças à tradição do "folklore".

O nosso "carro naval" já então adaptado a elementos africanos é exatamente celebrado no dia dos "Reis Magos", começo do antigo carnaval, pela festa das "cheguças", que ainda se veem na Baía, em Pernambuco e em outras terras navais.

E uma festa de alucratismo religioso, meio cridi, meio bárbara, com que o carro pompeia pelas ruas comandado por um preto vestido de capitão de mar e guerra, cheio de alamares

penduricalhos e condecorações, dando ordem de ataques a forças defendidas por outros pretos.

Disse-me um observador humorista e má língua e obeso que o integralismo é uma espécie de "cheguças". Pura perversidade.

Não pode ser. A "cheguça" é muito velha para ter prote e não tem feições rigorosas do modernismo. É popular, anti-ga e talvez agonizante.

O "carnaval", porém, não morre, ainda quando exprime os seus sócios de tradicionalismo.

A festa dos "loucos" acabou; a "cheguça" está por pouco; mas o "carnaval" renasce a cada vez.

Viva por todos os séculos! (Jornal do Brasil, 16-2-93)

DOMINGO DE CARNAVAL

(Trecho de crônica)

CELSO VIEIRA da Academia Brasileira

Que filósofo não fecha apressadamente o seu livro e não abre a sua janela de par em par, com alvoroco e estrípito, quando aparece o Carnaval pluriformado, melofônico e ressoante de guizos, "le Carnaval baróle", como dizia o joalheiro dos "Emaus el Camées", nesse domingo em que a loucura humana gargalha e pinote nas ruas, sob os disfarces mais bizarras ou mais burlescos? E se até o velho Fausto, solitário e abstrato, detra as retorcas e os hieroglifos a passagem da macaruda, com que avides não corrê o pluminoso a sua coluna, ouvindo o estalido seco das castanholas, o argentino rufar dos pandeiros, o batique atordoante dos cordões e a algazarra da plebe em delírio? Corre surpreendentemente para assistir ao jogo das serpentinas e dos conjetas multicolores, para ver a opulência das fantasias "à la diabla" e a extravagância alegórica dos carros triunfais, ora semelhantes a conchas, grutas e rochas, numa evocação marinha dos deuses primitivos, ora exhibindo em caricaturas audazes e críticas mordentes às formas grotescas do nosso tempo.

Lento seria o andar do Progresso, entredado nos seus fios de arame e nos seus tubos de borracha se o Carnaval fosse apenas aquele domínio aristocrático, elepante, flexuoso, cujo mistério perpassa e nos conturbia, ou aquele Salão escarlate e negro, de chavelhas ponteagudas e cauda enrolhada no braço. Outro não é, com efeito, o dos salões e dos teatros, onde reina ainda o mesmo frascaria insensato que, abandonando o guarda-roupa das cerimônias egípcias e gregas, subiu pela primeira vez, mascarado de urso, a escadaria do palácio de Carlos VI. Mas o Carnaval de hoje, o filho pródigo da civilização moderna, o Gavroche diabólico e sardônico da atualidade, recebeu no batismo o sal da ironia de Voltaire, imprimiu jornais, organizou clubes, fez a crítica sulz dos costumes e dos indivíduos nora, provocou polícia e escândalo do burgues.

Nas travessuras e nas camabalhotas do humorismo ninguém o excede, porque ninguém como ele, sob a diversidade dos aspectos, encarna os tipos de Molière, sublinha as frases edificantes de Brant. Os seus epigramas circulam de grupo em grupo, as suas anedotas voam de boca em boca, e a testemunha das que muito riem, e o conselho das que muito saltam, não o impediram nunca de saltar loucamente e loucamente.



"As bananas suspendem as salas rodadas e dansam..." (Desenho de Oswaldo Goeldi)

O Bloco das Mimosas

Na véspera do carnaval desacordo com o modesto cargo que o sr. Jocelino de Brito e Souza ocupava, silenciosamente, bom no Ministério da Fazenda.

- Boa tarde, sr. Brito!

- Boa tarde!

E, como eu parasse para acender um charuto, o sr. Brito, aproximando-se, pediu com humildade:

- O seu fogo, faz favor?

Ficava ali há dois minutos, com o cigarro apagado, à espreita do bonde e de um conhecedor para emprestar-lhe o fogo. O sr. Brito ouviu dizer, ou leu num almanaque, que o banqueiro Laff te obteve o seu primeiro emprego porque o futuro patrício o via curvar-se para apanhá um simples alfinete. Entrou faz economias de caixas de fósforos, de café, de engraxate. Pode ser que algum capitalista se aperceba disto e o convide para um alto negócio.

Além, há uma outra razão para o sr. Brito agir desse modo: possue duas interessantes filhas, as duas com vinte anos e, nascidas, as duas caras mas, assim, impondo uma importância social que está em absoluto cairada.

desacordo com o modesto cargo que o sr. Jocelino de Brito e Souza ocupava, silenciosamente, bom no Ministério da Fazenda.

Eram cinco e meia da tarde. Como a multidão nos aconchegasse, convidei o sr. Brito a tomar um aperitivo na Americana. O sr. Brito, acaso o seu cigarro principalmente a lamentar-se; e a conversa, ainda que fastidiosa, exercitava a minha curiosidade.

O sr. Brito e os homens mais notáveis da cidade. Eu é que sei. No entanto, ninguém lhe da importância. Tem uma obsessão caiada, um desanimo balofio, um desacreditado jeito de velhofuncionário pobre que se desespera em casa com as meninas. As meninas querem vestidos, precisam frequentar a sociedade, consumem-lhe todo o ordenado. Ultimamente, deram para um fator de luxo que não tem medida. E o sr. Brito, triste, cognitivo, anda sempre assim, de fazer de: os braços cheios de embrulhos, o paletó saco poente, os cabelos grisalhos ressecando-lhe pelas orelhas, sob o chapéu de palha encardida.

- Sr. Brito, um vermute.

- Acho bem, doutor, seho

Tem um pormenor impressionante no rosto: as sobrancelhas

muito peludas, também grisalhas, como que enfarinhadas de cinza. São agressivas as suas sobrancelhas.

Na pessoa mansa do sr. Brito, esse ponto energico é único. Isolado. Tirando as sobrancelhas, todo ele é docura.

A pérola do bar manteve-se seis horas. O sr. Brito, que ia engolir o vermute, teve uma indecisão, o calice suspenso à boca.

Li nos seus olhos inquietos esta frase: "As meninas estão à minha espera".

Exatamente. O sr. Brito bebeu o gole e disse:

- As meninas estão à minha espera.

Ah, a minha feroz alegria! O sr. Brito é assim: um homem que eu, há tempos, venho surpreendendo, desvendando. Tornando posse da sua individualidade sem resistência. Estou a ponto de "saber" todo o sr. Brito.

Ha ocasiões em que, encor-

trando-o, digo para mim mesmo: "Ele vai falar-me de um artigo tremendo que saiu hoje contra o presidente da República, na 'Vanguarda'". E' delicioso; o sr. Brito, depois de me apertar a mão põe-se a conversar sobre vagas coisas e, de repente, como se obedecesse ao meu comando, pergunta:

- Leu, hoje, a "Vanguarda"? Que artigo tremendo! Que horrível!

* * *

- Tome outro vermute, sr. Brito.

Sacudiu a cabeça que não.

- As meninas devem estar impacientes.

- E como vão elas?

- Assim, assim. O senhor é que não quis mais aparecer?

(Ele pergunta isso sem o menor interesse oculto. Sabe perfeitamente que não pretendo casar-me.)

- Muito serviço, não calcula.

- Mas aos domingos, doutor! Uma vez ou outra! Da-nos sempre muita honra e principalmente muito prazer.

- Obrigadinho, obrigadinho. Hei de aparecer. O senhor sabe

que aprecio muito as suas meninas.

- Elas são boazinhas, isso é verdade. Gostam de divertir-se, de dansar, de brincar. Não pensam na vida.

Não pensam na vida! Para os seus olhos de pai essas duas interessantes princesas de arrebatado não pensam na vida. Elas não pensam senão na vida! Tratam exclusivamente de suas preciosas pessoinhas, dos seus preciosos projetos de casamento, do seu precioso luxo que causa as lágrimas secretas do pai desconsolado.

- Faça favor, bebi outro.

Acaba. E expõe o seu caso de hoje, o caso que eu há vinte minutos estou esperando, como um caçador mau, de emboscada.

- Não avalia as dificuldades que passou de ontem para cá. Imagine que era necessário arranjar um conto de ríua e não encontrava agiotá neminha que me quisesse emprestar. Afinal, sempre conveni o Moreira, aquele da rua da Misericórdia, que por sinal todos os meses já me rói metade do ordenado. Esta vida, menino doutor!

- Sei o que ela é, sr. Brito. Eu também tenho os meus apertos.

O vermute o perturbou um pouco, predispondo-o para a confidência. Continuo insinuando a expansão, pelo meu atentio, pelo meu todo solícito, pelas minhas frases curtas que deixam sempre uma ponta para o sr. Brito entendê-la com o que tem no íntimo.

As meninas morreriam de tristeza se eu não conseguisse nada.

- Ah!

- O senhor sabe, são muitas, querem divertir-se.

- E natural!

- O carnaval faz todo mundo perder a cabeça. O senhor compreende: qual é o que numa ocasião dessas não fará um sacrifício?

- Justo!

Pedi mais dois vermutes ao garçom.

- Esses empréstimos abalam muito a bolsa de um homem, sr. Brito.

- Um horror. Nem fale.

- Mas obter, então?

Toma um gole. Chupa os becos, eixugando-os. E desabando:

- Ah, felizmente!

- Meus parabéns sinceros.

Sorrir. Sorrir. Sóis ótima, baixo das sobrancelhas espessas e peludas, cintilaram olhos azuis. As lábios morreram de tristeza se não tivesse arranjado! Toma outro gole.

Tive uma sensação metade de haver ganho a tarde.

- Sr. Brito, há de me dar licença...

- Pois não, pois não!

Paguei a despesa, levantei-me. Ele bebeu o resto da calice e levantou-se também, sobrancendo os embrulhos. Senti que ia dizer-me qualquer coisa aída sobre as meninas, sobre o carnaval, sobre aqueles embrulhos, sobre o empréstimo...

- Elas estão ansiosas, está vendo isto? São as fantasias que já haviam escolhido na cintia. E caixas de lança-perfume. E "confetti".

- E serpentinas.

- Tudo!

O sr. Brito, na sua ternura, ter-me-lá abraçado se não tivessem os embrulhos.

- Não sabe o que é ter duas filhas, dois anjos como eu tenho!

O bonde da Glória parava para o assalto dos passageiros. O sr. Brito ia precipitar-se, mas uma ideia lhe fuzilou no cérebro:

- Não quer tomar parte no bloco das meninas?

Desse vez o sr. Brito me apanhara de surpresa. Não gostei. Aquilo escapara.



"FICOU BEM MIMICO, IRRANDO A MIGO E LESTA. E AGUOU E MIMICOU-SE NA CRIQUA..." (Desenho de Octávio Goedel)

Borboletas — RIBEIRO COUTO

— Ah, elas organizaram bloco anô?

Alugamos um auto-camionete. Elas se lembraram do seu, mas tinham perdido o telefone da sua pensão. E eu lhe esquecendo, que cabega! E' o Bloco das Mimosas Borboletas. Então, vem?

O bonde partiu, campalmente.

Telefone para lá!

Palou isso correndo, querendo voltar a cabeça para mim e ao mesmo tempo preparar o pulo sobre o estribo. Puto! Depenado, com os embrulhos lhe aprapinhando os movimentos, era sublimo o sr. Brito. E o bonde virou a esquina da rua São José, levando a bondade, a ventura, a extase daquele pai. O Moreira, da rua da Misericórdia, estava na porta de Brahma, torcendo os bigodes.

Devo tomar parte no Bloco das Mimosas Borboletas?

Quarta-feira de Cinzas eu entro tranquilamente num café quando o sr. Brito surgiu, súbito. Quase nos abraçamos.

Oh, sr. Brito! Vamos a um encontro?

Encendi-lhe brago procurando envolvê-lo pelo ombro. Ele devolveu esquivar-se, esboçando uma reação frousa. Insiado com simpatia e ele entrou afinal, sombrio.

Observar-lhe que o laço da gravata estava desfeito. Teve um gesto nervoso, apalpando o bolso e o peito da camisa, como se aquilo lhe tivesse feito lembrar qualquer coisa desagradável ou dolorosa.

Tive receio de pensar o que ele ia dizer-me... Aquele deserto na gravata era significativo. Eu sabia que era Lala, a mais velha, quem lhe dava o nome, todas as manhãs. Ele lhe disse: Não, o sr. Brito deixa que não disse nada.

Então puxei conversa.

Diverti-me muito no carnaval?

Deu de ombros, molemente, num desânimo de vida. E, puxando um cigarro de palha do fundo do bolso do paletó, festei com os dedos tremulos o gosto de pedir fósforos.

Minutos escoraram-se. Não tínhamos assunto. Era mais prático nos despedirmos.

Bom, sr. Brito, vou aos meus negócios.

Segurou-me pelo brago. Tive um choque. A revelação lá sat:

Passaram-se ainda uma momento de silêncio. Perguntou-me:

Por que não quis tomar parte no nosso bloco?

— Ora, por que, sr. Brito?

O senhor é um moço sério. Se o autor tivesse vindo, olharia pelas minhas filhas.

Senti um susso e uma péruida vontade de rir. Tive a impressão do ridículo e ao mesmo tempo de um vago drama patológico. As sobrancelhas do sr. Brito, um instante fitas em brinco, moviam-se agora, acompanhando um tique nervoso de pícaro, indício de concreção.

Muito agradecido pela confiança, sr. Brito, Porem, não sei se sou digno.

— Sel eu, sel eu.

Comceci a ficar impaciente.

— Que houve de extraordinário, sr. Brito?

Imagine o senhor que, ontem, último dia, como estivesse com os meus rins muito doloridos, não pude acompanhar as meninas ao carro. Sabe, os meus rins...

— Sel, sr. Brito.

O bloco era grande, umas trinta pessoas. Enfim, havia o Gomes, da minha repartição. O Gomes com a senhora. Fiquei

tranquilo por esse lado e contei-lhe as meninas. Sabe, os rapazes me pareciam distintos, mas nunca é bom confiar demais.

— Clara.

— Pois meu caro, não lhe conto nada, até esta hora as meninas ainda não voltaram.

— Oh, sr. Brito!

— O Gomes está abatido. Diz que não sabe como é que elas lhe escaparam das vistosas.

No rosto tranqüilo do sr. Brito, os olhos, sempre doces, fiam-se de angústia. As sobrancelhas tremeram-lhe.

— É verdade o que me diz?

— Des-graça-da-meu-beleza!

Caiu-lhe a cabeça sobre o peito, no desconsolo da calamidade. Não tendo o que dizer (é um pouco arrependido de não haver tomado parte no bloco), mas por motivos inconfessáveis reuní todas as minhas forças contra aquele Gomes:

— Poem, sr. Brito, esse sujeito, esse Gomes, é um patife!

O sr. Brito fez com a cabeça que não, que o Gomes não era um patife. E disse devagar, com tristeza:

— A mulher dele também agora não chegou em casa.

— — —

Famos pela ruiva cheia de povo barulhento e feliz.

— Sr. Brito, cuidado com esse auto.

Atravessamos.

E tentava qualquer coisa em prol daquela dor:

— Sossegue. Elas dormiram com certeza em casa de amigas. Ninguém sabe delas.

— Paciência, sr. Brito, paciência. Talvez já estejam em casa, ali.

Barafustamos por um telefônico público. Esperámos um momento até que d. Cândinha tirou solteirona e velhaca do sr. Brito, que criara as meninas, sem mãe, desde cedo: atendeu do outro lado do fio.

— Elas já chegaram? — rompeu o sr. Brito, com a voz gritada e comovida, ansiosa da resposta.

Largou o fone no gancho, sem animo.

— Vamos embora, doutor. Não apareceram! Não há notícias!

E fomos para o "Jornal do Brasil". No balcão da gerência influentes do bloco.

o sr. Brito redigiu com letra tremula o anúncio: "Um conto de reis — Gratifica-se com um conto de reis a quem der notícias positivas sobre o paradeiro de duas moças que, anteontem, vestidas a sétimo XVIII, tomaram parte no Bloco das Mimosas Borboletas, da Gavea. Dirigir-se à rua República de Andorra n.º 7."

O empregado do jornal pegou anúncio, leu-o, teve um sorriso discreto e fez a conta.

o sr. Brito pagou o anúncio e saiu.

Na rua teve uma idéia repentina:

— É verdade, onde vou buscar outro conto de reis?

E a sua doce pessoa crispou-se de angústia.

— — —

Ao nos despedirmos, ele queixou-se de uma dor de cabeça. Parou um momento levando a mão à testa. E, subito, amontoou-se na calçada. Eu não tive tempo de ampará-lo. Então, com esforço, suspendi aquela massa pesada. Pessoas que passavam me ajudaram. Estava morto.

Seu cadáver foi no automóvel da Assistência Pública para casa, depois das formalidades legais.

Acompanhei-o.

D. Cândinha estava fazendo o jantar e veio ver quem batia, manca de reumatismo, limpando os micos no aventureiro. Espantou-se. Atrás dos óculos os olhos se esbugalharam, sem compreender. Até que, como que se lembrando, deu um grito:

— As meninas! — e ergueu os braços exaltativos.

— E' o sr. Brito, d. Cândinha — intervi com calma. Esta doente. Muito doente.

— O Jocelino! Pobre Jocelino! Que foi que aconteceu pro Jocelino!

E pôs-se a limpar os olhos com o aventureiro.

— — —

Entre as pessoas que velavam o cadáver, Gomes desatarrava-se pelo seu ar digno de homem ferido no seu amor próprio. A mulher despareceu definitivamente. Suspeitava-se de um estudante de medicina, um certo Aristóteles, sergipano, um dos influentes do bloco.

Depois Gomes contou que soubera da morte do pai por acaso, porque passara de automóvel pela porta, "com um senhor"... E acrescentou timidamente: rompendo o pudor:

— O senhor com quem eu estou.

Tive um buque. Era possível?

Havia quem apertasse a mão de Gomes, com comungo, apresentando-lhe condolências. Dava a impressão de um parente. A fuga da mulher estabeleceu entre ele e o defunto um laço confuso de família.

Gomes agradeceu, com um lenço sempre encostado ao rosto.

— — —

Pela madrugada entrou Cotinha, a filha mais moça.

Entrou pe ante pé. Ninguem lhe perguntou donde vinha nem porque vinha. Havia na sala apenas três ou quatro pessoas pobres da vizinhança, além de mim. Todas as demais — Gomes inclusive — se tinham retirado por volta da meia-noite. (Gomes explicou que estava abatido, precisava retirar-se, repousar). D. Cândinha dormia lá dentro, numa cadeira de balanço da sala de jantar, vencida pelas agitações das últimas quarenta e oito horas.

Cotinha caminhava receiosa para o meio da sala e atirou-se sobre o caixão. E chorou, chorou, sacudida, como que se evaziasse a repelézias. Quando acabou de chorar, veio para onde eu estava, toda encolhida como uma criminosa, de olhos inchados e vermelhos. Apertou-lhe a mão que me estendeu e ficamos em silêncio. Depois de uns minutos, como um sentimento súbito e talvez hostil nos impulsionasse a explicar, perguntei:

— E d. Lala?

— Não sei. (Deu de ombros; espichando o belo num muchocho contrariado). Cada uma de nós foi para o seu lado. Fiquei estarrecido.

— E a senhora do Gomes?

Disse que ignorava também o destino da outra. Formosissimo! Eis o epílogo do Bloco das Mimosas Borboletas, no carnaval de 1932, na muito legal cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro — pensei com os meus botões.

Depois Cotinha contou que soubera da morte do pai por acaso, porque passara de automóvel pela porta, "com um senhor"... E acrescentou timidamente: rompendo o pudor:

— O senhor com quem eu estou.

Tive um buque. Era possível?

Um cinismo lavado de lágrimas, assim, era possível?

— Mas, d. Cotinha: que bicho mordem as senhoras, desse modo, de repente? Ficaram doidas?

Sacudiu os ombros, pondo as duas mãos nos olhos, como uma criança e chorando de novo:

— E a vida... Que é que o senhor quer?

As outras pessoas da sala olhavam-nos, a cochichar entre si. Sem dúvida, faziam mau juizo. Talvez pensassem até que era eu o comparsa de Cotinha.

Um cheiro de flores pisadas e cera errava, acre. Um sentimento punzente me dominava, abafando uma vaga, uma imprecisa sensação de sarcasmo. As oito velas ardiam silenciosas em torno do caixão do sr. Brito, que tinha um crucifixo de prata à cabeça. Eu não conseguia ainda, até aquele instante, definir meu estado de alma. Parecia-me, profanamente, que qualquer coisa de cómico se insinuava por tudo aquilo. Talvez, porém, fosse engano meu, ruimade minha, tensão cruel do meu temperamento. No fundo, eu estava sonzinho com o que me交代ava: o sr. Brito, a filha que vovava, as pessoas pobres e imbecis da vizinhança, as oito velas, o cheiro de flores pisadas, a idéia do cavaleiro com quem Cotinha passaria de automóvel, a idéia de Lala, a idéia de Aristóteles furtando a mulher do Gomes, a lembrança do anúncio que sisra de manhã no "Jornal do Brasil", o ridículo do Bloco das Mimosas Borboletas — tudo aquilo ainda não recebera uma forma definitiva no meu espírito.

Cotinha merecia umas bofetadas?

O problema de saber se Cotinha merecia ou não uma bofetada me invadia, súbito. Fiquei a remover essa inspiração, como se ela encerrasse um alto valor poético ou filosófico. Ficaram quatro horas da madrugada. Uma pessoa levantou-se, em bico de pé. Outra pessoa levantou-se também. Daí a um quarto de hora Cotinha e eu estávamos sós.

Ficamos nós dois, longo tempo, calados, olhando o sr. Brito.

(Continua na pág. 90)



Cena de entrudo numa das principais ruas da cidade, em 1932 (Desenho de Angelo Agostini, "Revista Ilustrada")

ALGUNS POEMAS DO

EPIGRAFE

Ela entrou com embarrago, tentou sorrir, e pergunto tristemente — se eu a reconhecia? O aspecto carnavalesco lhe vinha menos do frangalho de fantasia que do seu ar de extrema penuria. Fez por parecer alegre. Mas o sorriso se lhe transmudou em ralo amargo. E os olhos tinham baços, como duas poças de agua suja...

Então, para cortar o soleno que advinha no beijo de sua garganta, puxei-a para ao pé de mim e, com decaça:

Tu és a minha esperança de felicidade e cada dia que passa eu te quero mais, com perdida voluptuosa, com desesperação e angústia...

BACANAL

Quero beber! cantar asneiras
No coto brutal das bebedeiras
Que tudo embocha e faz em caos...

Evoé Bacó!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da máscara.
A gargalhar em deudo asseio...

Evoé Momo!

Lamei-na toba, multicores,
As serpentinas dos amores,
Cobras de lívidos venenos...

Evoé Venus!

Se perguntarem: que mais querem,
Além de versos e mulheres?
— Vinhos... o vinho que é o meu fruto...

Evoé Bacó!

O alfaiate rústico da Iua,
Por degolar à nata tua.
Que me riuinha e que eu não domo!...

Evoé Momo!

A Lira clérica a grande Lira!...
Por que eu estás destiñ
Em seu louvor versos obténs,

Evoé Venus!

A CANÇAO DAS LAGREMAS DE PIERROT

I

A sala em espelhos brilla
Com lustros de dez mil velas
Miradas de rodelas
Multicores — maravilhais! —

Torvelinhos no ar que alaga
O cloretito e se toma
Daquele mesclado aroma
De carnes e de bisnaga.

E rodam mais que confetti,
Em farandulas quebradas,
Cabeças desassadas
Por Colombina ou Pierrette.

II

Pierrot entra em salto-súbito.
Upa! Que força o elevanta?
E enquantos a turba se espanta,
Ei-lo se roja em decubito.

A tez, antes melancólica,
Brilha. A cara careta.
Canta. Toca. E com tal vela,
Com tanta paixão diabólica.

Tanta, que se lhe enlouquecem
Os dedos. Flori por libra.
Toda a sua essência vibra
Nas cordas que se arrebentam.

III

Seu alarde de plátano
Mingre. E que não se quebre.
E a sua fronte arde em febre.
Ai deit! e os cuidados mitram no.

Ai deit! que essa alegria,
Aquecas canções, aqueles
Sorto não é mais, ai deit!
Do que uma intensa fronte.

Fazendo à cantiga louca
Dolorião contracantos.
Por dentro borbulha o prante
Como outra voz de outra boca:

IV

— "Nexiste a pele macia
A minha linda paixão!
E mês entrega-lhe um dia
"Aos teus vermes de chão..."

"Fis por ver se te podia
"Amicectar, — e não podia!
"Em vão pela noite fria
"Devasto o meu alarde..."

"Minha paz, minha alegria,
"Minha coragem, roubaste-mas...
"E hoje a minha alma sombria
"E' como um peço de lastim..."

V

Corre apôs a amada esquiva
Procura o precário ensejo
De matar o seu desejo
Numa caricia furtiva.

E encontrando-o Colombina,
Se lhe dá, lesta, à socapa,
Em vez do beijo uma tapa,
O pobre rosto ilumina-se-lhe!...

PIERROT BRANCO

Atrás de minha fronte esquálida,
Que em insónias se mortifica,
Brilha uma como chama pálida
De pálida, pálida mica...

Não a acendeu a ardente febre,
Ai de mim, na consumção letica
Que esgalha até que um dia quebre
A minha carneça caquética!

Nem a alumiou a fantasia
Por velar de rubido pejo
Aqueles apitações sombrias
Que em pancadas de mau desejo

Tortura o coração affito,
Sugere requintes de gozo.
Por concretar — sonho infinito —
O andróginos miraculoso!

A chama que em suave lampejo
A esquálida tez me ilumina,
Não a alevo febre nem desejo,
— Mas um beijo de Colombina.

ARLEQUINADA

Que idade tens, Colombina?
Será a idade que pareces?...
Tivesses a que tivesses!
Tu para mim és menina.



"Bacanal", "Quero beber, cantar asneiras..." (desenho de Oswald Goeldi)

"CARNAVAL" —

Manuel Bandeira

(Da Academia Brasileira)

Que exiguo o teu talhe! E penso:
Cambiaria pouca precisa:
Pode ser toda num lenço
Cortada a tua camisa...

Traus seios teem treze anos.
Dão os dois uma manchela...
E essa inocéncia incendiada,
Faz cima de desengano...

O teu pequenino queixo
— Símbolo do teu capricho —
E dele que mais me queixo,
Que por ele assim me espichol

Tua cabeleira rara
Também ela é de criança:
Dára uma escassa trança,
Onde eu mal me estrangulara!

E que direi do franzino,
Do breve pé de menininha...
Seria o mais pequenino
No jogo da pampolina...

Infantil é o teu sorriso.
A cabeça, essa é de vento:
Não sabe o que é pensamento.
E jamais terá juizo...

Crês tu que os recém-nascidos
São achados entre as coxas?...
Mas vejo que os teus ouvidos
Adivinham... Finges que não ouver...

Perdão, perdão, Colombina!
Perdão, que me deu na telha
Cantar em medida velha
Teus encantos de menina...

PIERROT MÍSTICO

Torna a meu leito, Colombina!
Não procures em outros braços
Os requintes em que se atina
A voluptuosa das meus braços.

Os atletas poderão dar-te
O amor próximo das seviças...
Se eu posso a impérata arte
Das indefiníveis carícias...

Mais magros óculos dissolutos
Conheceram todos os afagos
Para os teus olhos sempre enxutos
Mudar em dois brumosos lagos...

Quando em êxtase os olhos vira,
Abi se pudesses, futil presa,
Sentir na dor do meu suspiro
A minha infinita tristeza!...

Insonso aquele que busca
O amor na fúria dionisíaca!
Por mim desamo a pose brusca:
A voluptuosa é clama elegiaca...

A voluptuosa é bruma que esconde
Abismos de melancolia...
Flor de tristes pantanos onde
Mais que a morte a vida é sombria...

Minh' alma lírica de amante
Despedaçada de soluços,
Minh' alma ingénua, extravagante,
Aspira a deshoras de bruxos

Não às alegrias impuras,
Mas a aquelas rosas simbólicas
De vossas ardentes ternuras,
Grandes místicas melancólicas...

PIERRETTA

O relento hiperestésia
O rítmico tardio de meu sangue.
Sinto correr-me a espinha langue
Um calefrio de histeria...

Gemmam ondinas nos repuxos
Das fontes. Faunos aparecem.
E salamandras desfalecidas
Nas sarças, nos braços dos bruxos.

Corvo à floresta: entre miríades
De vagabundos, junto aos troncos,
Génios capriçados e broncos
Estupram virgens hamadriadas.

Ergo olhos súplices: e vejo.
Ante as minhas pupilas tonha,
No sete-estrelado sete pontas
De sete espadas de desejo.

O sexo obsidente alucina
A minha índole surpresa:
As imagens da natureza
São um delírio de mortina.

A minha carne complicada
Espreita em voluptuoso ardil,
Alguma que tenha a alma natal
Decadente, degenerada! —

E a lúa verda como uma âmbula
O filtro erótico que assombra...

Vem, meu Pierrot, ó minha sombra
Cocainómama e noctâmbula!...

RONDO' DE COLOMBINA

De Colombina o infantil borzeguim
Pierrot aperta a chorar de saudade.
O sonho passou. Traz maguado o rincão.
Maguado a cabeça exposta à umidade.

Lavou o orvalho a alvaiade e o carmim.
A alva desponta. Dói-lhe a claridade
Nos olhos tristes. Que é deixa?... Arlequim
Levou-a e dobra o desejo a maldade
De Colombina.

O seu desencanto não tem um fim.
Pobre Pierrot! Não lhe querias assim.
Que são teus amores?... — Ingenuidade
E o gosto de buscar a própria dor.
Ela é de deus?... Pois acita a metade
Que essa metade é talvez todo o amor
De Colombina...

O DESCANTE DE ARLEQUIM

A lúa ainda não nasceu.
A escravidão propõe os furtos,
Propicia nos furtos como o meu,
De amores frívolos e curtos,

Estende o manto alcoviteiro
A cuja sombra, se quiseres,
A mais ardente das mulheres
Terá o seu unico parceiro.

Ela! Sem glória e sem vintem,
Amando os vinhos e os bártulos,
Eu, nesta veste de realhos,
Sou tudo quanto te couves.

Não se me dá do teu recate.
Antes, pulido pelo vício,
Sou facil, econômadio.
Agora belo, ugela bato.

Que importa? no mimos o teu ser
Ao meu anelito corrupto

Esquecerá por um minuto
O peso de viver.

E eu, vagabundo sem idade,
Contra a moral e contra os códigos,
Dar-te-ei entre os meus braços prédigos
Um momento de eternidade...

DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei.
Faz tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei.
Sorriu-me em todos os desengana.

Era sorriso de compaixão?
Era sorriso de zombaria?
Não era mofa nem dó. Senão,
Sozinha tristezas me sorria.

E a Dama Branca sorriu também
A cada jubilo interior.
Sorriu como querendo bem.
E todavia não era amor.

Era desejo? — Credo! De tísicos?
Por histeria... quem sabe lá?...
A Dama tinha caprichos tísicos:
Era uma estrelha vulgígraga.

Ela era o gênio da corrupção.
Taboo de vícios adulterinos.
Tivera amantes: uma portão.
Até mulheres. Até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,
Se lhe furtava sarcástica.
Com uma perfura, com outros tria,
Com outros má.

— A Dama Branca que eu encontrei,
Há tantos anos,
Na minha vida sem lei nem rei.
Sorriu-me em todos os desengana.

Era constância de anos a filha,
Sutil, captava-me. E imaginai!

(Continua na página seguinte)



*Canção das lágrimas de Pierrot: "Pierrot entra em solto subito..." (desenho de Oswald Goeldi)

O BLOCO DAS MIMOSAS BORBOLETAS

(Continuação da pág. 37)

Por duas vezes Cotinha soluçou:

— Coitado do meu paizinho! Por outras duas vezes suspirou:

— E Lala que não sabe de nada! Que horror!

Claricidades pulidas do dia nascente entraram vagarosamente pelas janelas. Um torpor me tomou. Cotinha chorava agora encostada a mim.

O barulho do primeiro bonde que vinha vindo longe, me ergueu na cadeira. Cotinha encostou a cabeça ao espaldar, fatigada, humilhada, amarrada, sem valor e sem destino, como uma pobre coisa.

Para vencer o torpor, tomei a deliberação de sair de andar. Fui olhar entro, de perto, o meu destino amargo, a meu campo de observações e de conquistas psicológicas, o meu infeliz Jucelino de Brito e Souza. O rosto estava calmo, como a sorriso. As sobrancelhas pulidas continuavam agressivas, energéticas, na fisionomia doce, doce para todo o sempre. Aquela massa humana estava agora liberta de pensar no Moraes da rua da Misericórdia.

D. Cotinha, até logo, à hora do enterro,

Ela veio só a porta da sala, que dava para uma área. Levantei a gola do paletó por causa do frio da madrugada.

Estendi a mão para Cotinha. Encarei-a com piedade e reverência: guardinha, morenha, um leve ouro enegrecendo-lhe o labirinto superior. E irresponsável, esmagadinhos, facil, derrubada nas suas validades de princesa de arribalde por aquele complicado drama da fuga e morte.

Olhando-me a fito, vi nos olhos dela a recordação da vida já antiga: o far do sr. Brito, os domingos de vida ou passado com outras pessoas que frequentavam a casa, os projetos ambiciosos de bons casamentos, o luxo, a comodidade cotidiana de uma situação de respeito e prazer. Agora, tudo amaldiçoado, para nunca mais!

Desabei a chorar sobre o meu ombro, que era muito infeliz, que ia sofrer muito, que não sabia como perder a cabeça, que agora estava perdida, que queria morrer também...

Consolei-a como pude, segurando pelos pulsos. Dei-lhe o conselho de mandar procurar Lala (ela devia suspeitar, pelo menos suspeitar onde estivesse a irmã) e despedi-me rápido.

A ruas! A rua deserta, vazia livre, para os meus passos e para o meu rumo! Corri por ali afora, corri para alcançar o bonde e para desentorpecer. E enquanto corria levava a sensação de fugir a uma coisa fascinante e ameaçadora, de que eu me libertava enfim... uma coisa suave e horrível que não poderia mais acontecer na madrugada pura do arrabalde...



*Ronda de Coronha: O seu descendente não tem fim... (Desenho de Oswald Goeldi)

Alguns poemas do Carnaval

(Continuação da página anterior)

Por uma noite de muito frio
A Dama Branca levou meu paiz.

BONHO DE UMA TERÇA-FEIRA GORDA

Eu estava contigo. Os nossos dominós eram negros.
As negras eram as nossas máscaras.
Temos, por entre a turba, com solenidade,
Bem concorrentes do nosso ar lugubre.

Tão contrastado pelo sentimento de felicidade
Que nos penetrava. Um lento, suave jubilo
Que nos penetrava... Que nos penetrava como uma
espada de fogo...
Como a espada de fogo que apunhalava as santas
textáticas!

E a impressão em meu sonho era que se estávamos
Assim de negro, assim por fora inteiramente de
negro,
— Dentro de nós, ao contrário, era tudo claro e
iluminoso!

Era terça-feira gorda. A multidão inumerável
Borborenhava. Entre clangores de fanfarras
Passavam prestitos apoteóticos.

Eram alegorias ingênuas, ao gosto popular, em
cores cruas,
Iam encimadas, empoleiradas, mulheres de má vida,
De peitos enormes — Venus para catreiras.
Figuravam deusas, — deusa disto, deusa daquilo,
Ija tontas e semiqueda.

A turba, ávida de promiscuidade,
Acotovelava-se com algazarra,
Aclamava-as com alarde.
E aqui e ali virgens atravessavam-lhes flores.

Nós caminhávamos de mãos dadas, com solenidade,
O ar lugubre, negros, negros...
Mas dentro em nos era tudo claro e luminoso!
Nem alegria estava ali, fora de nós.
A alegria estava em nós.
Era dentro de nós que estava a alegria,
— A profunda, a silenciosa alegria...

POEMA DE UMA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

Entre a turba grosseira e futil
Um pierrot doloroso passa.

Veste-o uma túnica inconsultil
Feita de sonho e de desgraça...

O seu delírio manso agrupa
Atrás dele os maus e os basbaques.
Este o indígitá, este outro o apupa...
Indiferente a tais ataques.

Nublada a vista em pranto inutil,
Dolorosamente ele passa.
Veste-o uma túnica inconsultil
Feita de sonho e de desgraça...

EPÍLOGO

Eu quis um dia, como Schumann, compor
Um Carnaval todo subjetivo:
Um Carnaval em que o só motivo
Fosse o meu próprio ser interior...

Quando o acabei, — a diferença que havia!
O de Schumann é um poema cheio de amor
E de frescura, e de mocidade...
E o meu tinha a morta mortacor
Da senilidade e da amargura...

— O meu Carnaval sem nenhuma alegria...

CARNAVAL

GILBERTO
AMADO

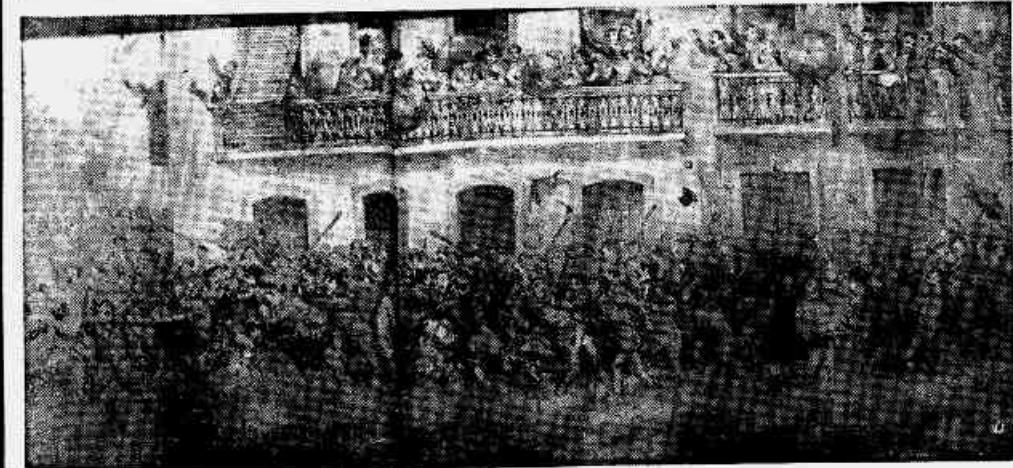
Enquanto a Avenida estreitava no refúgio do zumbumbá grande estardalhaço que anuncia o que vai ser a parada esta semana — eu, assentado num "bar", tinha ao meu lado dois homens que conversavam discretamente. Um deles era um adolescente glorioso, todo expandido numa frescura de face rubra, os cabelos de ouro teñor, enrolados em curvas abundantes. Nos lábios, a riso mais jovial. Era formoso, iluminado numa radiância de saude, gracioso de gênios. Os seus olhos, quase infantis, sorriam magnificamente. Ao seu lado, um velho balouço, com uma fisionomia meio sorridente, os lábios franzos e um roçco de ventre audacioso — ria também, confidenciando adolescentes coisas misteriosas.

Quando me sentei a uma mesa de desconhecidos era porque não havia gerrero, lugares vazios, ou "bar" transbordava e todo ele compato de gente, formava como um indivíduo só monstruoso e convulso, o grisalho. O adolescente e o velho pareciam contemplar gostosamente a alegria do povo.

Serviram-me um "chopp", e o velho, que soava volutuosamente um claro vinho de France — fiz um monstro de repulsa ante o meu copo que espumava, enquanto o moço, com a indignação pintada no rosto, comentava com ele em voz baixa:

— Vela você, dizia, um povo tão interessante, e que parece diosa da simpatia dos deuses, a engolir uma deberagem sanguinária e mal cheirosa... Decididamente, estes bárbaros da Alemanha estragam o mundo...

E, ao dizer tais palavras, enrugava ridicamente o fino copo



O Carnaval na Rua do Ouvidor (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada", 1884)



Concurso carnavalesco com empate entre Democráticos e Fenianos (desenho de Angelo Agostini — "Revista Ilustrada", 1884)

do clima claro de France, que agrupou seu somoro na garganta. O velho tonteava já numa boracheira nascente; mas o jovem, cada vez mais iluminado, sorria para a multidão. Eu vi que, quando pegava o copo, os seus dedos tinham uma transparência sobrenatural.

Num instante, por um milagre, tive a revelação: reconhei o grande Dionísio, Baco, o deus do vinho, o amigo da alegria, o criador...

Sileno, meu velho, é tu — disse eu, comovido, para o grisalho borrado de lábios indulgentes...

E o deus, com um grande sorriso e um gesto amarel, tendeu-me logo deitado a cômodo, entrando a conversar tranquilamente. Antes de lido, estreitou que Baco estivesse vestido contemporaneamente com um lindo paletó claro e que Sileno de chapéu Chile e capote Clark não revelasse constrangimento.

— Nós somos gente que nos adaptamos a todas as civilizações e a todas as idades.

Baco tentou provar a cerveja, tocando no meu copo o seu lindo ditino. Fez uma careta e cuspiu o gole, ruidosamente, estufado.

— Sileno pronor também, fez careta, mas enguliu. Peste de bebeda!

Baco, então, lamentou que estes vastos raias, estas monumentais montanhas, estas terras do Brasil não fossem ilustradas dos vinhedos sagrados e que a influência dos bárbaros, que cultuavam deuses hediondos, tão fundo tivesse penetrado entre nós que nos impingisse até a parapada bíblica e gor-

da que eu bebia. E Baco desolava-se. Levantando o braço, demonstrou a amente, falou: — só o ritmo é eterno; só ele é que eu adoraria, só ele anima a imaginação e cria... Graças à tua é que os gregos fizeram as estátuas, fizeram as tragédias, fizeram os templos e esticaram os cantos dinásticos, que tão gra-

ndas, perdo das praias, naquele naufrágio maravilhoso de onde salvaste, salvando-te, a alegria do mundo.

Baco, meto desdanto, pediu-me que lhe mostrasse a multidão. Neste instante, a Avenida transbordava; e entre o rumor das caruruagens, a pitória humana desencontrada e de mil tons sugerida a idéia das vozes de todos os animais do mundo reunidos, inclusive o homem: urros de touro, cacarejar de galinhas, rinchos, roncos, rugidos, grunhidos, pargalhadas, tudo em conjunto fundindo no barulho ensurdecedor. Um cheiro acre de etér embriagara. Com dificuldade conseguimos romper a multidão para tomar o automóvel; notei que Baco não lamentou, sensivelmente instalado nessa viatura, o seu deslizamento forte. Ah! estes sóis tropicais... Entretanto, eu e Baco discutímos:

— Filho de Zeus e de Semele tenho por ti um respeito religioso: a minha piedade reconheceu-te no meio dessa multidão desencontrada: em te amo. Tu és para mim o único dos deuses que não se desmoronizas, tu és te escandalizes, se eu conteslas em parte a tua opinião divina. O vinho, convenha, é a grande force; foi criado por ti para dar alegria ao mundo e nutritivo por ele é que Anacreonte celebrou para sempre, igualmente — através dos séculos — a virtude do prazer. Mas se permitem, eu te demonstrarei, dirijo senhor, que houve povos que se fizeram grandes e houve homens que se tornaram dignos de ti, bebendo cerveja. Tu devias amar e os encetes da tua saudade: eles viram a beleza que tu revelaste em dia sobre as

multidões desagradáveis ou desmesuradas profundas?

Sileno, ao contrário, contaplado do prazer, trocava bigamadas com as mulatas que passavam, arrastando os pés nos ranchos.

A multidão engrossara. Num instante a onda cresceu.

Após um silêncio, Baco murmurou para mim:

— Ah! meu amigo, este povo não ama os verdadeiros deuses. É uma multidão bárbara, muita vez turvada.

— Engana-as, filho de Semele, tu revelaste um dia sobre as

é o teu povo, es o único deus que ele adora verdadeiramente. Ao contrário da que pensas, este é o único povo que verdadeiramente realta o teu culto. Os outros povos que tu conhecesses não te levariam com religião como aquela; só esta gente te adora verdadeiramente com éxtase, com delírio, com a embriaguez antiga.

E isto porque, Dionísio, tu es o único que não a triste ajuda. Sileno aplaudia-me. E olhava cupido as mulheres que passavam.

— Tu deves lembrar-te, disse eu para Baco, que ainda melancolicamente contemplava a cidade iluminada, os jachos que subiam da Avenida e levavam para o céu o explendor ornuado da noite, tu deves lembrar-te de que estás um deus burguer; de paletó e chapéu de pata, baicalmente. A multidão quisera ver-te como antigamente de pernas nuas, corado de panpanos, no tua endiosa beleza.

— Revele-se, senhor, exortou Sileno, doido por calor de todo o pândega.

Baco continuava triste, mas, súbito, me apareceu, instantaneamente quase transfigurado: eu vi na sua cabeça o pampão soprando, ri o seu lindo franzido de adolescente glorioso, estendido na noite, na fulgorada da nudez divina. Sileno, cabis, ergui no automóvel, alcei o braço, para proclamar: — por de minha terra, ei-lo, o deus que adoras; o filho de Semele e de Zeus, Dionísio, o único deus que se conserva fiel à tua Rionia e ao teu eu-to. Conquanto, pelo seu poder divino, estivesse sempre presente, ele reia de longe genericamente dar agora com a sua presença real a oferta maravilhosa da alegria.

Mas a revelação já se tinha feito. Era metade noite, hora propícia.

A multidão, tonta do fluido que emanava do deus, delirava. E eu o vi o pô de pé no automóvel, dominando-a, transformador e benemerito, redimindo-a de todas as tristezas e empolgando com a sua angusta presença um consolo ardente.

E eu o sandei, comovido: — Bendito sejas tu, adolescente rubro; bendito sejas, através dos séculos: bendita a Grécia, que te nutri entre as montanhas; bendita a semelhança de Júpiter naquele instante bíblico em que ele te comunicou a Semele.

No entusiasmo, meto tanto na exaltada gera, alarguei os braços para o abraçar e o beijar nas faces puras.

Maravilhosamente, Baco Rinha desanegrido, dinamizava-se na multidão.

E ele é o deus da semana que hoje começa.

Todo o povo, graças a ele, vai urar, vai saltar, vai extrair o estômago, vai constituir-se, vai estalar-se, isto é, vai divertir-se. Vai-se pagar de um ano inteiro de mazurcas e taciturnidade.

A multidão, cheia do Baco irresistível que se dispersava nele, gesticulava louca.

Sileno, agora, livre da presença do deus, fazia tropelias, trocava bigamadas, cambaleava de propósito, para melhor sentir contactos fábricas.

— Velho vicioso, não consegue a alegria; não macula a claredade na que Baco espalha pelo mundo...

E, passavam os tempos, gutiando, batucando, e de todos os pontos da cidade, surdo, rouco, marcando o ritmo docetico e o retumbo furioso do zumbumbá...

EVOÉ! EVOÉ! - GOMES LEITE

Ontem, em meio ao turbilhão data, que, num mais detido examo, quisessem corrigir-se da identidade um do outro. Finalmente, o velho rochado, e alegre, de carnes flácidas, explodiu um alto — Oh! nem no resto cheio e glorioso, nem envergadura pelo aço, que tinha uma parte do rosto escondida por uma meia máscara e trazia numa das mãos um feixe de guisos e na outra o cetro da folia.

A última vez que nos vimos foi em Nice. Lembras-te?

— perguntou o velho folião ao seu camarada mais moço.

Fizemos juntos uma viagem de carro pela estrada do sul da Côte d'Azur para alcançarmos o corso do ferreiro dia de Carnaval. Mas, estás um tanto mudado, meu amigo. Alegria tens ainda; falta-te, contudo, um pouquinho da agilidade antiga. Talvez, causa...

Não, shsto-me sempre o mesmo. Também o calor deslizante, por esta época, mortifica, exaure a gente... Vamos tomar alguma coisa fresca ali de frente.

E os dois, abandonando o tumulto da rua, foram sentar-se a um canto da bar, por baixo da Galeria Crucero. Dentro de pouco tempo, uma dezena de garrafas vazias se entrecostavam sonoramente, nos movimentos dos seus pés nervosos sob a mesa. Eles falavam bem, sem cessar. Nem mais guardavam segredo sobre a própria identidade, que cada um deles tratava sempre de ocultar, mesmo durante os

transportes máximos de sua ter dos anos, que os homens vulgares empregam porventura alegre.

— Sou eu quem governa o mundo apesar da decadência em que acreditam estar o seu irmão mais velho — disse o gordo. Ningém se encrega do corpo e alma a não ser ao delírio dos prazeres.

Embora tenha menos idade do que tu, já me sobra experiência para poder também dizer que o homem de hoje é o homem de outrora, entregue aos mesmos impulsos da besta primitiva, e o único amor que o subjeta, de fato, é o amor no prazer.

Eu te digo mais, meu companheiro, eu com tantos nomes e durante tantos séculos nunca deixei de reinar, ainda que o meu reino mude de lugar de tempos em tempos. Neste momento, a sua metrópole é esta linda cidade do Rio de Janeiro, onde é festejo, e eu também, com uma efusão nunca vista anteriormente.

Mas eu não me esqueço das caravais de outras terras. Veneno, em sua pompa ariadnica de princesa anatoliana...

— Ah! eu veju de mais longe, de muito mais longe, de países e de séculos em que a beleza se revestia de formas bem mais puras e de luminosidades mais claras. Chama-me, haja, Baco, mas o meu primeiro nome era Dioniso, e nasci na Grécia antiga. Nasci uma vez só, como todo mundo, mas os que teciam mentiras em torno da minha lenda disseram que eu nasci duas vezes. Toda lenda é verdadeira em sua origem, mas a futuraram tanto, com o cor-

nido daquele tempo divertida-se melhor e mais belamente.

— Tinhas muito mais companheiros que hoje...

— Ah! quantos! Eles foram feitos pelo caminho, companheiros e comparsistas. Se houvesse visto um dia o meu cortiço, Momo, Pan, Priapo, satyras, silenos, nimfes, bacantes. As festas dionisíacas eram as festas do meu país. Eu sou gringo de origem e nascimento, deixa saber, ainda que Homero me tivesse posto na Ilíada como um deus estrangeiro. Não o perdirei jamais. Felizmente, Eurípedes me rehabilitou nas Bacanais. Eurípedes, sim, é que era um grande homem. Homero mentiu muito.

— E como passaste para Roma a glória do teu nome?

— Não fui eu: passaram-me para Roma. Também deverei dizer a bem da verdade, que se a Grécia me soube errar, foi Roma que melhor me glorificou.

Oz romanos, poderosos e putos, quiseram ate dar-me uma origem talina, confundindo-me com Liber, o deus divindade nacional, muito embora houvesse lá sempre quem me reconhecesse o Dioniso da Hélade. Foi em Roma que me comemoraram a charon desfilarmente Baco, nome que eu não estranharia muito, porque já me haviam cognominado, assim, uma vez, na própria Grécia, quando fui da minha volta da ilha de Naxos.

— Quando marcou o inicio do teu domínio em Roma, Baco?

— O dia do meu poder madrugou na Cidade Eterna com a República. A minha tirania, segundo andou dizendo depois um sr. Horacio Flaco, de quem nunca ouvi falar, a minha tirania se traduziu nesse período por uma loucura permanente. E, como bom diretor de povos eu insitui grandes festas que se realizaram mais tarde sob a denominação de Saturnais e Bacanais, precursoras da encantadora mascarada que, hoje, transtorna o fuso desta cidade em que estamos.

Pertencem ao mesmo grupo de reunidos de bom gosto aqueles misteriosos dionisíacos, que te não descerão, Momo, para que não fiques com água na boca. A água de hoje é esta, a de que passarinho não bebe. Mais cíntio, "gargão", mais vinho para aquí!

Falaste-me uma vez nas Saturnais, em Strasbourg, num dia de viagem em que estávamos mais bebendo que de costume...

— As Saturnais eram festas olímpicas! Ah! se nos fosse dado restaurá-las aqui, neste encantado Rio de Janeiro!... E as mulheres que, em Roma, nos acompanhavam na sua celebração? Não eram mulheres, eram deusas, dessas deusas mais humanas do que diáfanas, dessas deusas que eu amo gulosamente, entre uma posta de carne macia e uma taça de vinho velho... Oh! Bacantes romanas! Oh! Saturnais de outros tempos! Uma das datas mais tristes da minha vida está naquele maldito ano 188 antes da era de um deus sem posto chamado Cristo; foi nesse ano que um senatus-consulto interdisse aquelas festas sagradas, que nós despois não pudemos celebrar muito secretamente, e assim mesmo sem o brilho de outrora. Meu amigo, o homem é muito estúpido: pensa que faz bem acabando com as coisas mais belas do mundo. Depois disso, para manter o meu prestígio abalado, em tiro de me ostentar a Céres em suas festas e também compareci em pessoas às Liberalens celebradas na primavera, mas, confessou-te, eu estava desposto e precisava sair de Roma, pelos menos por algum tempo.

— Eu ouço falar desse tempo com uma espécie de saudade ancestral. Tenho quase a certeza de que eu vim ao mundo,

(Continua na pg. 95..)



A moça que não voltou do Carnaval — ALVARO MOREYRA

Por que? Ninguém sabia explicar, berlindo entre os que formavam sua círculo, um ar que lhe deu. Ela ria: sorrir, na noite das pernambucadas, toda a gente:

— Estava sentindo alguma coisa?

— Que horror!

Opinião da opinião:

— Eu acho que enlouqueceu.

— Que horror!

Opinião da opinião:

— Ela morria. Metido aniquilação.

— Sorrir. Come se houvesse um largo, de cintura para cima aportuguese, a torcer-lhe os olhos e a me- do de numas espécies de pétalo, mostrando do resto queimada de sol e de va e cabeca linda, com o expressão das retratos tão novas feitas antes de morrer.

Sorrir... Come se estivesse no des discursos de Comile Desme-

linas... Do cabelito em cuchos. Da chupeta igual e um da Rainha das, nos despejos, compracordas que Rio Antonista. O corpo, que recebe-oficial, Nossa Senhor se apodera de re o educador do mor e dos "danses" estado. Contratou a filha num cíngulo, parcerio autorizado por los-circos. Grande estrado:

Um caso sério.

Vieram médicos. Valu em médium. Valu uma mulher do Encantado, que benzia muito bem.

Ela sonria.

Então, e poi, cheio de dificuldades, o que é um da Rainha das, nos despejos, compracordas que Rio Antonista. O corpo, que recebe-oficial, Nossa Senhor se apodera de re o educador do mor e dos "danses" estado. Contratou a filha num cíngulo, parcerio autorizado por los-circos. Grande estrado:

A MOÇA QUE NÃO VOLTOU DO CARNAVAL!

Logo no roteiro da estrada, ela voltou.

Mas, não disse nada. Continuou a ser exibida. Contente. Feliz.

Convenceu-se de que é artista.

Não quer outra vida...

CARNAVAL DE OUTRORA - COELHO NETO

O movimento tumultuoso e alegre em que se agita a cidade desportiva, com o seu ruído, vozes das milhares de saudades que acorrem adorando-las no jardim do meu coração. E elas são tantas como horas em uma biblioteca!

Uma hora que passa deixa de ser um novo tempo de lembranças que se ajunta aos antigos, alguma recordação, tão reculada, que só nos lembra que a lembrança é difícil, que impulsiona pelas milhares de lembranças alegres pelo esquecimento, que fazem talis livros o trabalho de devolução que fazem nos ouvidos de papel e couro, as tristes recordações. Fazem passar que somos todos uns sólidos, estabelecendo porque todos os anos a recordação do quanto da memória e felicidade lentamente come a felicidade, neste momento, para desaparecer.

O segredo do texto é o mesmo que nela lá para o povo — o carnaval.

Não tenho a nova edição em curso, visto a alegria que compõe; só agora ficamos com ela e não só com um clube de escravos, operários, fazendo parte que momentos que perdemos na ortografia antiga nem tanto para a acomodar, práticos e ranchos e motor-veus, em parades de bailes carnavalescos, contentando-se em rever o passado, gravado, ainda que retratado espontaneamente, o carnaval de outrora, do bom tempo, no que a vida da cidade, nos três dias de Momo, concentrou-se na rua do Ouvidor.

Dantes o carnaval não se armava de tão longe, como agora. Os primeiros alegres de bomba começaram em fins de janeiro nas sociedades, e somente nos sábados. Era dia dia: "Enterro Comercial" ou "Tentões dos Diabos", ou "cavalaria" ficava na rua das Andadas, que se fez no largo da Sé, ou "Democráticos", ordem porque, não raro, principiam com seu "cazádo" na noite anterior entre os diabos e rui, com um enxame de janelas os velhos de cabeça grande, para a rua da Andrade; os iam caprichos de fuma, nago, "Fenômenos", com o "polaco" e guaiamás, e, de repente, levou o dia do Teatro, no antigo teatro e tempo, luziam na edição do São Luiz e outras valhas e bando "espalhafatosos" como os Estudantes se e eram rasteiras, risos de Heidelberg, na rua Direita, cabecadas e golpes que riu, e os "Boêmios", na rua do estriparam os agentes parciais das duas valhas, terror da cidade.

Os ranchos formavam-se em e desmancha prazeres em todas casas particulares ou, o que as festas, ... eram mais comum, por agregação nas ruas. Sóu um zope, começo o carnaval. Antigamente, bomba, enxos de rujo, mente, dizia-se do Brasil que era o país do eterno primavera. Melhor será dizer — do eterno carnaval, porque, na quinta-feira de cinzas já se projetam bailes e ranchos para o sábado d'Altuia, e dia por diante é carnaval que Deus manda.

Antigamente, não. Um mês antes do grande triunfo as lamas inauguravam as suas exposições de tecidos carnavalescos com as respectivas longanhas, franzas, burlas, caldeiras, estrelas, vidrilhos, canindus, lanternas, quizes, anéis, pulseiras, brincos, colares e óculos, lunetas, bigodes e cabeleiras, calvas e robichos, narizes, botões potentes e estava formado o grupo que prosseguia ruas aforas, com os diabos nos pinotes,

bols em floretas, invadindo cortiços e pondo tudo em polvorosa, gritando-se a janelas, a ruas, as velhas de cabeça grande, calções, casaca de rebulhido, báculo e lança, invadindo em danças de remoço, havendo celebrações no gênero, festejos no generoso, no mistério e no certo júbiloso, torrões com uma coca por açucar, distribuindo a morte, hiperbóreas, longe da sinistra, a campanha macabra: "barras-douradas", de casas, subordinadas pelo esquecimento, que fazem talis livros o trabalho de devolução que fazem nos ouvidos; outra de espantar, sacudindo as costas de quem vir a goza da filharia.

E "chicrada", de setim, cabeleira branca ou loura, em túnica, gorros de plânuas ou capuzes encimados de lanternas que, à noite, acendiam, ou de cores, lanternas, garçons ou carabinas, Duminícias, alguns casais de dia de copas no alto pátio, cravinhos de amêndoa e manjericão, chás de râbula e tâmaras de peixe, tintos de corcar e endiade manjado sanguejadas, em tecido, acendiam, ou de festejos e tambores, mas os meus crepitantes.

Uma semana antes da carnavalesca começava a cidade a arrumar-se. Nas ruas centrais, principalmente na da Ouvidor e vizinhas, a azáfama salta de ponta, trabalhando-se dia e noite em construção de cores, limpeza dos arcos de gás, instalação de mastros e pavacas dos com escudos e flores.

As sedes das grandes sociedades ornamentavam-se de pañéis com alegorias e curiosas alusões aos acontecimentos principais do ano, ou de troca acintosa aos clubes res.

Os holés encheram-se de jorros e os jornais apareceram ilustrados de "pux" em prosa e verso, muitos deles de penas que se tornaram gloriosas nas letras como as de Bantasia, Rui Vaz, etc.

No sábado, à noite, saíram os primeiros "des-poreiros", apareciam musicas, tunas, às vezes cantadas com instrumentos da África e canções guinchadas e réplica a maracás estridentes.

O domingo amanhacia ruivo, porque logo às primeiras horas, antes do padeiro, surgiam diabos, desde capetas de cinco a seis anos, que não se atreviam a aventuras longe de casa, até os grandes diabos, rascunhos que faziam medo, não tanto pelo aspecto truculento, como pelo que escandiam em alegria que era a navalha, ou "sardinha", como lhes chamaram, e, pelo diabo, a carnavalesca.

Desde cedo, para garantir um lugar em alguma das ruas ou praças do itinerário das cidades, começava a aglomeração ao centro da cidade. Milhares traziam malatolagem e arranhavam-se onde melhor ficasse e ai passavam o dia. As crianças de pelo, mamães rascunhos que se divertiam com os máscaras aulas ou trincavam febras de assado bendas pelas garras. A tarde o movimento crescia. Era quando, às vezes, os revistava, não os privasse da companheira inseparável, que era a navalha, ou "sardinha", como lhes chamaram, pizada nos calos, acolovada, beliscada, esperava o clangor dos clarins anunciar a entrada da primeira cidade.

De repente um som longinquinho agitava a turba. Ah! ento é que era aperto. Lá surgiu os gritos e as gorgalhadas — um que ficava que nem pinto, a escorrer; outro adiante enjardinhado ou broslado a gema de expensas do passado, reeditando-o. Por vezes havia zongas, palavrões, ameaças e os famosos folgados.

Em certos bairros ainda se jogava o entrudo, não simplesmente a tiroteio de limões de cheira, mas a jarros, balões e canecas dágua. Eram correrias aos gritos e as gorgalhadas — que era aperto. Lá surgiu os clarins. Os prestitos... Como a imaginação dos carnavalescos alegria vive ainda a de veludo até a caveira; desde velhos, amegando-os com as ruas em floretas, invadindo cortiços e pondo tudo em polvorosa, gritando-se a janelas, a ruas, as velhas de cabeça grande, calções, casaca de rebulhido, báculo e lança, invadindo em danças de remoço, havendo celebrações no gênero, festejos no generoso, no mistério e no certo júbiloso, torrões com uma coca por açucar, distribuindo a morte, hiperbóreas, longe da sinistra, a campanha macabra: "barras-douradas", de casas, subordinadas pelo esquecimento, que fazem talis livros o trabalho de devolução que fazem nos ouvidos; outra de espantar, sacudindo as costas de quem vir a goza da filharia.

E os arrabaldes enciacaram-se; os bônus dociam transformar animais, doces extracitados, dantes, e eram carros, velhas desde o dia veio o dia a glória troqueladas, caldeiras, viaturas, ônibus, carroças, enciacaram-se as ruas.

Os grandes carros alegramos representavam grutas míticas, marchetadas de malagueta, com figuras vestidas despidas, de pendentes de ouro, cítricos floridos; cavernas, berinhas galvanizadas, andavam cardumes de seringas e tristes de escala fulgurante, chapéus de cabras indígenas que flutuam na rua, as escravas, os padres desto ou daquele, alegreza gaias; volta e meia lâmpada, aplausos, coro-corre. E se aparecia uma cartola, caçando todos em cima, reduzindo a sombra. E as músicas, os coros executando, com braços, as "polcas", as "shortishes", as valses, as maxixes mais em voga. Uma "estudinhas" longa, guindada com bandurras, guitarras e violões; coros de bananas, grupos de bananas, grupos de cunhadas, companhias de marrujas levando aos umbrais suas caravanas e cantando barulhos; jarrões de alívios, vibrando e batendo a cana verde, ou um desfrutável que tomava a palavra no meio do povo e despejava um bestialógico.

De repente a massa ondulava — ouvia-se afrente vozinha, era um monômeno de estudantes, um apontado as mãos aos ombros de outro formando uma bicha que, aos colos, rompa a multidão.

E... quanto namoro de janela à janela, ou da rua para as sacadas.

A noite acendiam-se os urcos de gás, os copinhos de cores, os balões venezianos, e a cidade, recendendo a essências baratas e a suor, desdumbra.

Eram, então, os bailes nos teatros e nas sociedades, com temas lúdicos, discursos, "champagne" a rolo, idílios e muito cabeça quebrada.

A segunda-feira era dia morto, só para a mascarada minda e alguns bailes familiares.

Terça-feira era o grande dia.

Desde cedo, para garantir um lugar em alguma das ruas ou praças do itinerário das cidades, começava a aglomeração ao centro da cidade. Milhares traziam malatolagem e arranhavam-se onde melhor ficasse e ai passavam o dia. As crianças de pelo, mamães rascunhos que se divertiam com os máscaras aulas ou trincavam febras de assado bendas pelas garras. A tarde o movimento crescia. Era quando, às vezes, os revistava, não os privasse da companheira inseparável, que era a navalha, ou "sardinha", como lhes chamaram, pizada nos calos, acolovada, beliscada, esperava o clangor dos clarins anunciar a entrada da primeira cidade.

Enfim... no passado tornava-se: Não tínhamos avenida nem eletricidade, em compensação a vida era fácil, havia alegria e aquilo que fazia o povo venturoso e de que fala-se fala, como de antemão, no governo republicano: liberdade.

Depois da passagem da última sociedade, desintendendo-se a viléia — coisa mais difícil de resolver do que, nos dias que

A Festa da Melancolia - ANTONIO TORRES

As nossas batalhas de confete se notabilizam por não terem rival. Nesse caso, uma vez que os confetes entram nessas batalhas com tanta paixão, devem-lhes outro nome: "Batalhas dos Empurrões". Chamar batalha de confete é uma ironia em que eles pouco aparecem e falta de bom senso. "Tropellez un chat ou battez un trapon", como dizia o general Boileau... Ha muito, o outro nome que se pode perfeitamente ajustar a esses combates de povo na Avenida, "a festa da Melancolia", que em vez de ter idéia da

grande, da imensa melancolia carioca lucida à meia-noite
nacional deve vir ver uma bat-
talha de confetis! Então terá prossiguanas; na calçada, gente
ocasião de observar aspectos
curiosos; na calçada, bem no com algumas exceções, gente
meio-flo, homens e mulheres que apenas sorri e que sorriso
enfileirados, algumas com er-
cangas de marra ao cílio, e existir! gente que apenas
olhando todos, muito sorrindo e sorri e passela como se estivessem
muito graves, para os carros
onde também passam cavalhei-
ros muito graves ao lado de da-
mas gravíssimas. Ontem até invia-
va um senhor de tratamento
(como dizem as donas de pen-
são), vestido de preto, sobreca-
saca, colete branco e cartola
lustrosa, sim, senhores.

cartola lustrida à meia-noite
em batalha de confetis! Mas
seria, nas automóveis e carros,
que apenas sorri e que sorriso
de raça fatigada de ainda não
se terce na Avenida Beira Mar. Nos intervalos deixados
pelos veículos e ainda nos pas-
segios, vem então a multidão
dos passageiros, pobre gente que
se aperta e se acotovela para
se divertir-se. E nesses lugares que
se encontram os rapazes da
meda a "jeunesse dorée". A

Nossa "jeunesse dorée" vem passando a Avenida disposta a divertir-se muito. Como, porém, não havia entre eles ideias a respeito de diversões, nem dinheiro com que possam custear novidades, então adotam um meio fácil e econômico de divertir-se: fotografar o que se chama um "mimosó" e sair pululando coisas em calão. E' a mais encantadora "jeunesse dorée" deste continente. A não serem esses rapazes, que dizem chifras às senhoras e dão alguns beijos de meia em meia hora, os demais passageiros andam pela Avenida, serenamente e gravemente, como se percursorsem alame-

E V O É ! E V O É !

MEU CARNAVAL

(Continuação da pág. 93)
Bem assim da época que mur-
cos fui e meu nascimento...
Na 10^a e que eu sou mais
velho que nem me.

brugamento soprattutto per lunghi secoli.

— Só para o teu, não, para a meu, também. Sem bens que tive em Veneza durante muitos anos.

— Mas o primeiro dia que cheguei a Elvas, e que

te ri foi em Florença, à entra-
da do palácio Vecchio. Deve-
mos juntos a Loggia dei Nani.
Como era linda Florença
naquela época! Fazendo sobre a ci-
vade a sombra protetora de Lo-
renzo Magnífico. E Florença
era um salão em festa o ano in-
teiro. O povo cantava e dan-
çava nas ruas, num contente-
mento comunicativo. Eu amei
Florença mais, do que Veneza.

— Bem, vejam, Doco! Ia pre-
stigiosa, porque era diferente
de todas as outras cidades. Flu-
rença era uma cidade de arte,
mas Veneza era mais uma cida-
de do amor. Una sondada em
Cantinagem e, dentro, banhada
de luer, una Calomânia justa-
losa... Que há de melhor na
vida?

— Sim, mas a Veneza de agora... Também todas as cidades da Itália não valem muito mais do que pela tradição. A nossa vida se remoçava, depois, para a Alemanha. Descemos, pouca mais tarde, ao sul da França. Nice abava ao sol e sangue quente da Itália a finura galante e graciosa.

A essa altura, um bando de
mascarados invadiu o "bar".

correu, o resultado final de
essa circulação, com certeza, a de-
batida.

... e, se os teatros e os
salões das sociedades e o re-
galo nos lares longínquos
tornem-se um problema. Os
bonés subiam com gente até
no balaio, e o desfile a pé por
essas ruas, hoje servidas pelo
Lindo, o cuião, verdadeiros
andarilhos, eram tanto e tão
rápidos e soltos, muitos dos
que iam de volta, temblando
se é que era quarta-feira de
carne, encaninhavam-se para
a processa ureia e, ainda chei-
tosos, a latentes, com o ressus-
te, em círculos, para festejar as
bailes, os drags entoaram-lhe
em círculo o parabéns dague-
los, e em sua oração de-
sideraram-se aos fra-
dotes, os céus e, para pen-
sarem, os trastaram
o mundo e os céus da

... dos mecos não creu
que houvesse tal que confundisse
o que quanto-faria de con-
tra à sua ordem a igreja
porque a minoria só dá acordo
e se por maioria fizerem com
tudo o que desejarem e subordinem a ca-
mba de uma desordem.

Refinado... fassadismo. Certeza da perfeção, que sempre nos leva para longe de onde o "vimento".

E aqui tendes, leitor, o esboço de outrora, tal como o fizemos no livro intitulado das mil e uma maravilhas.

Meu Carnaval tão longe, tão distante,
mas tão perto de mim pela recordação...

Papel picadinho,
3 queijos de massa,
6 folhas de chouriço
3 em cada mão...

— Clippedia! Deixei-se porre em
qualquer roupa nos primeiros dia!

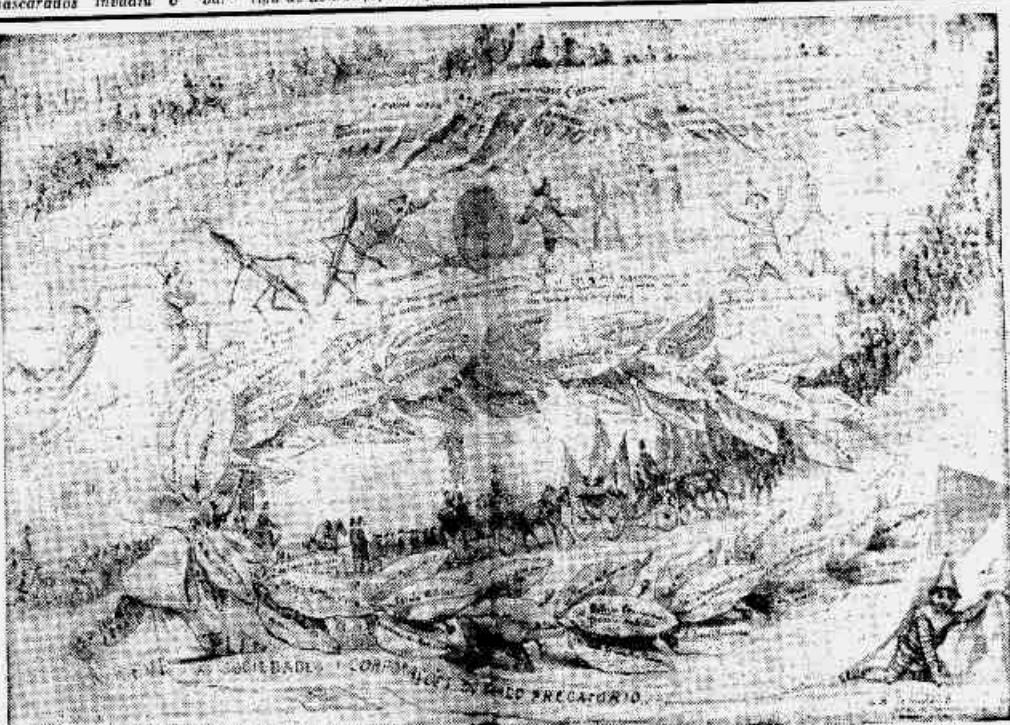
Agora o cavalo corre... corre...
(Fazer a cavalo era a redução)
Chegando na porta da minha Maria,
resava e cantava, salivava no dedo.
E da aplaudindo, sorria... sorria...
me dando intuito certo de novo...

Foto: www.fotoesfotografia.com.br

Men Carnaval tão longe, tão distante,
mas tão perto de mim pela recordação.

Que é feito de ti? O atual só resume
treinando devia de gato exterior!
Tiveste um destino de lanco-perfume,
que é o que te fazes.

ASCENSO FERREIRA



MEMORIAS DO DEPARTAMENTO DA ESPANHA (acessível no Anexo Agostini — "Revista Ilustrada", 1880).

Como eu me divertí - CONTO COMÉDIA

ARTUR AZEVEDO

PERSONAGENS

JORGE, empregado no comércio.

O COMENDADOR ANDRADE, negociante, sócio principal da firma Andrade, Gomes & Companhia.

UM MÉDICO.

DONA MARIA, excelente sehora de meia idade, estabelecida com casa de alugar comedor e moços solteiros.

A noite passa-se no Rio de Janeiro em quarta-feira de cinzas. Atualidade.

ATO ÚNICO

A cena representa a sala e a alcova que Jorge ocupa em casa de dona Maria. Atirado sobre um velho canapé, um hábito de frade encardido de suor e sujeira. Na chão, um par de luvas, igualmente sujas, e um batinha de paçoca quase a desfazer-se, preso a uns grandes bigodes e a um par de oculos.

CENA I

DONA MARIA, O MÉDICO

O Médico

Que tem ele?

Dona Maria

Não sei, doutor, não sei... O senhor Jorge tem muito bom humor, mas tem muito má cara, é doido pelo Carnaval.

O Médico

Deixe-lhe o gozo.

Dona Maria

Ontem vestiu-se de frade, pôs aquela paixão consigo, e andou num canto todo enfeitiçado de flores, ao lado de uma sujeita que mora no hotel Ravot, acompanhando um prístíto. Só o vespertino da pelintra lhe custou perto de oitocentos mil réis!

O Médico

Quem lhe disse?

Dona Maria

Os meus hóspedes não tem xante segredos para mim.

O Médico

Adianta.

Dona Maria

Para se não constipar, o poeiro moço levou consigo, por baixo do hábito, uma garrafa de coñac, e, de vez em quando, atava-lhe que era um gozo! Quando o prístíto passou pela primeira vez na rua do Ouvidor (eu estava lá...), já ia o frade que não se podia lambet! Depois, na rua da Constituição: — Isto sei eu por um amigo dele, que tudo viu — outro moço, também fantashoso, biscoitou-lhe a pelintra, e isso deu lugar...

O Médico

... a um rolo! Poderá...

Dona Maria

Bacharam-lhe a cabeça!

O Médico

Naturalmente.

Dona Maria

Valha-me Deus! e sou eu a

é o demônio do rapaz andou culpada de tudo isto!

toda a noite, de cabeça racha-dada, à procura da tal mulher dos Fenianos, para os Tenentes e dos Tenentes para os Democráticos, bebendo sempre, até cair na rua do Fogo, as três horas da madrugada!...

O Médico

Com efeito!

Dona Maria

A polícia levou-o para a estação da travessa do Rosário, e pela manhã os amigos que tinham sido avisados, trouxeram-no para casa.

O Médico

Onde está ele?

Dona Maria

Naquela alcova. Há cinco horas que ali está deitado, sem dar acordo de si. Por isso, mandei chamá-lo, doutor.

O Médico

Faz bem. Vamos vê-lo.
Entram na alcova.

CENA II

JORGE, O MÉDICO, DONA MARIA

Na alcova, Jorge está de cama, com a cabeça amarrada, os olhos fechados, os braços calados. O médico, ao ver o enfermo, tem um movimento que escapa a dona Maria.

O Médico, tomado o pulso do doente

Não tem febre. (Depois de examinar-lhe a cabeça). O ferimento nada vale... Já lhe pussem uns pontos falsos; é quanto basta... O seu hóspede tem apenas o que os estudantes chamam uma "ressaca"; precisa de descanso e mais nada. Quando voltar a si, se quiser tomar alguma coisa, dé-lhe uma canja, dois dedos de vinho do Porto misturado com Água de Vichy, um pouco de marmelada, e disse. Se amanhã continuar incomodado, que tome um la-

CENA III

O MÉDICO, DONA MARIA

Na sala

O Médico, tomado o chapéu
A senhora não imagina como estimei ter sido chamado para ver este senhor Jorge! Foi uma providência!

Dona Maria

Por que, doutor?

O Médico

Conheço-o, mas não sabia que se tratava dele. E' o namorado, o quase noivo de minha afilhada, filha do meu velho amigo Raposo. A menina gosta dele, e o pai já estava meio inclinado a consentir no casamento: tinham-lhe dado boas informações sobre este pândego. Agora, porém, vou prevente o compadre, e dissuadir minha afilhada, que é muito docil e me ouve com acatamento.

Dona Maria

Valha-me Deus! e sou eu a

é o demônio do rapaz andou culpada de tudo isto!

O Médico

Culpada por que?

Dona Maria

Por ter mandado chamar o padrinho! Pobre rapaz...

O Médico

A senhora deve estar, pelo contrário, satisfeita, por ter indiretamente contribuído para este resultado. (Volvendo-se para a alcova). Que grande patife! Namorar uma menina pura como uma flor, e andar de carro, publicamente, embriagado, em companhia de uma prostituta!

Dona Maria

No Carnaval tudo se desculpa.

O Médico

Nada! — eu sou o padrinho, o segundo pai daquele anjo! (Vai saindo).

Dona Maria

Senhora, pergunte-lhe pelo

O Comendador

Doutor, doutor, não vá assim va... dorme...

O Médico

Doutor, doutor, não vá assim va... dorme... rangido com o senhor Jorge... não diga nada à família da menina... Ah! se eu soubesse... Mas que quer? Vou que este hóspede tem segredos para mim... O doutor tenta sair-se! Ouça, doutor... ele tem um bom emprego... é muito estimado pelos patrões...

Dona Maria

Desculpe-lhe essa rapazada e não lhe negue a mão da menina.

Dona Maria, aterrada, largando o braço do médico

Cento e cinquenta contos!

O Médico, saindo

Fora o que lhe há de caber por morte do pai! (Chegando à

Dona Maria

Sua filha.

O Comendador

A mão da menina! Que menina?

Dona Maria

Como eu me divertí!

Dona Maria

Abre um olho, depois a outra, olha em volta de si, certifica-se de que está em sua casa, dirige a dona Maria um sorriso de agradecimento, solta um longo suspiro, e exclama com voz rouca e sumida,

O Comendador

(Cai a panela).



"Está doente... naquela alcova... dorme..." (Desenho de Osvaldo Goeldi)